



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura
Valdir Colatto

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores
Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Fabília Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Reney Dorow
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2023

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Adriana Francisco
Bruna Parente Porto
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Julio Cesar Melim
Nilsa Luzzi
Sidaura Lessa Graciosa
Valmir Kretshmer

Edição: novembro de 2023 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das Ss, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	12
Arroz	12
Feijão	15
Milho.....	17
Soja	21
Trigo.....	24
Hortaliças	27
Alho.....	27
Cebola.....	31
Pecuária	34
Avicultura.....	34
Bovinocultura	40
Suinocultura.....	44
Leite	50

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

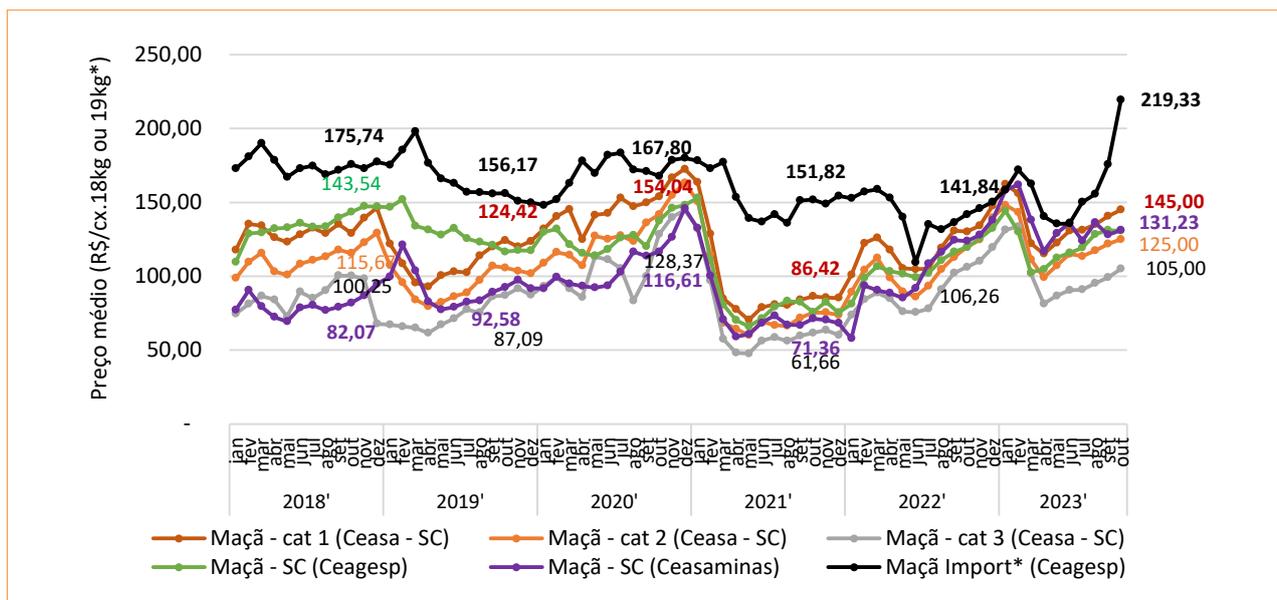


Figura 1. Maçã - evolução do preço médio mensal no atacado

(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n. 5, de 2006, do Mapa.

Nota: preço corrigido pelo IGP-DI, out./23=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp

Na Ceasa/SC, entre setembro e outubro de 2023, foi mantida em 3% a valorização nos preços da fruta de categoria 1. As maçãs de categoria 2 tiveram suas cotações valorizadas em 2,6% e as de categoria 3, em 5,8%. Em outubro de 2023, as cotações da categoria 1 estão tendo uma valorização de 11,4% em relação às do ano anterior; já os preços das categorias 2 e 3 representam 86,2% e 72,4%, respectivamente, do valor da fruta de categoria 1 no mês.

Nas centrais de abastecimento nacionais, o preço da maçã de origem catarinense se desvalorizou, na Ceagesp, em 0,4% entre setembro e outubro deste ano; na Ceasaminas, apresentou valorização de 2,4%. Em outubro, na Ceagesp, as cotações da fruta catarinense estão 9,3% mais elevadas que as do ano anterior, e em 72,6% com relação às do mesmo mês de 2021. Na Ceasaminas, houve valorização em 6% em comparação com 2022, e em 83,9% em relação a 2021.

Nos dez primeiros meses de 2023, o volume comercializado de maçã brasileira nas centrais de abastecimento foi de 316,5 mil toneladas, 80% desse total de maçãs de origem catarinense (252,8 mil toneladas). O valor negociado com a fruta catarinense foi de R\$ 1,77 bilhão, representando 70% do total negociado nas centrais brasileiras. No mês de outubro de 2023, as maçãs importadas estão com preços 67,8% acima dos da maçã catarinense na Ceagesp, com valorização de 24,9% em relação ao mês de setembro, e 54,6% em relação ao mesmo mês de 2022.

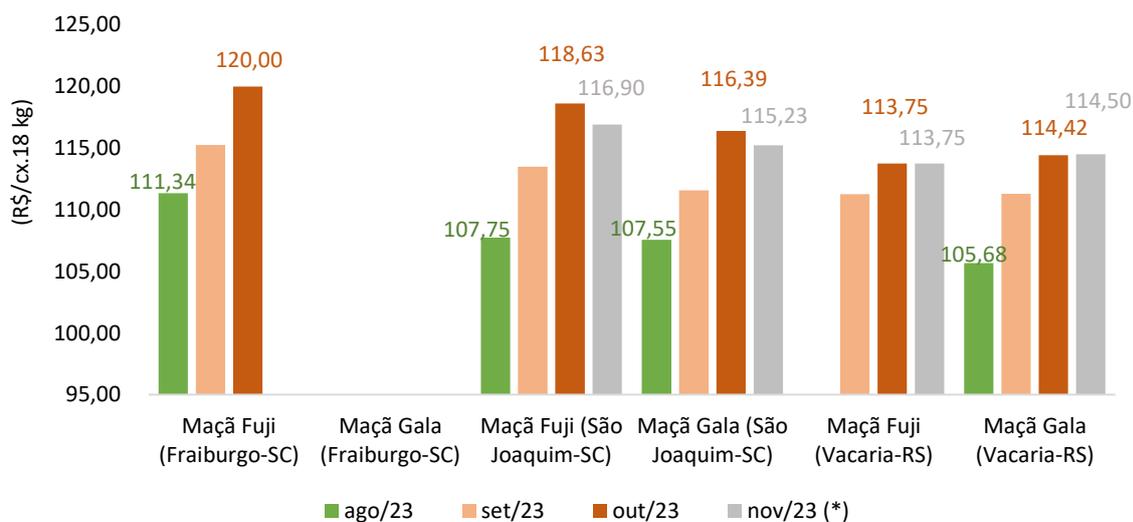


Figura 2. Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor nas principais praças do País

(*) Maçã (cat.1) embalada; até 10 de nov./23.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP

Nas classificadoras da região de Fraiburgo/SC, entre setembro e outubro, houve comercialização da maçã Fuji com valorização nos preços médios de 4,1%. A estimativa é de encerramento dos estoques da safra passada a partir de dezembro.

Na região de São Joaquim/SC, entre setembro e outubro, houve valorização nos preços médios das maçãs Fuji e Gala, estocadas em atmosfera controlada (AC) e comercializadas, com variação positiva de 4,5% e 4,3%, respectivamente. A estratégia é de escalonamento das frutas nas classificadoras, com recuo nas cotações em novembro.

Na região de Vacaria/RS, entre setembro e outubro houve valorização de 2,8% no preço médio da maçã Gala. A expectativa é a manutenção nas cotações da variedade com menor oferta no mercado regional.

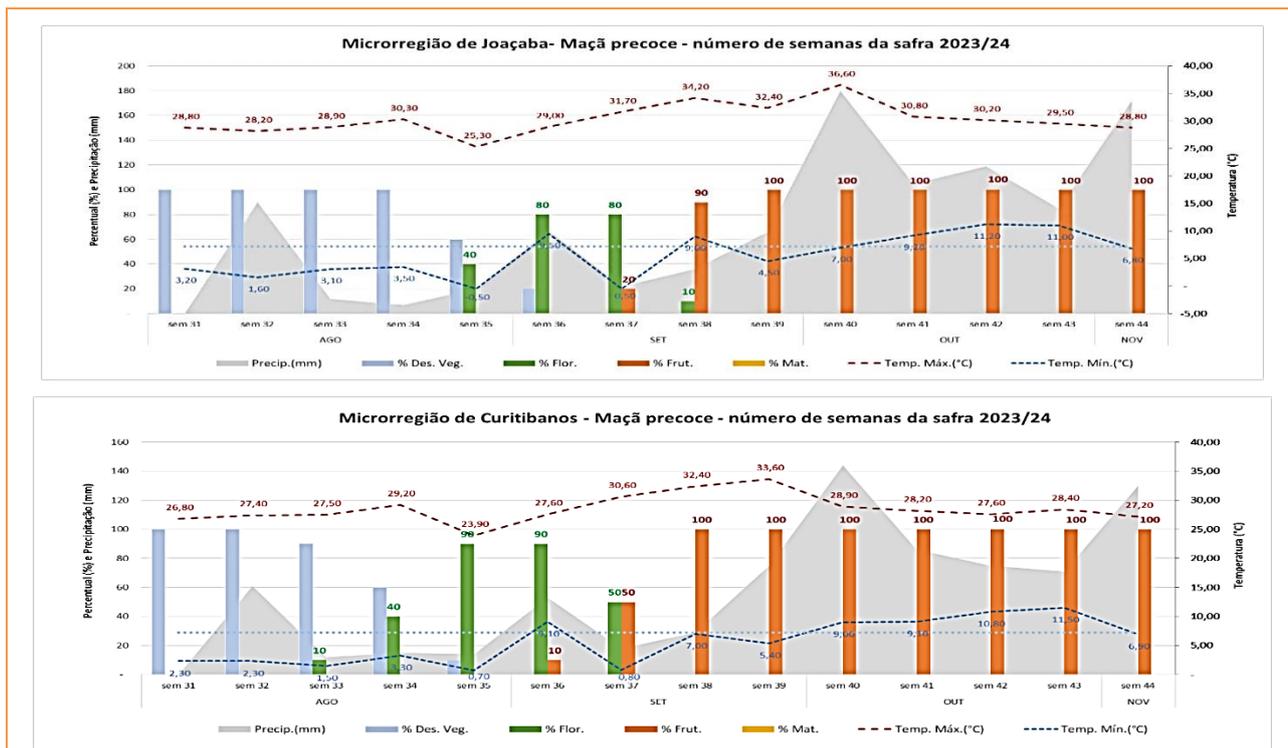


Figura 3. Maçãs precoces – Evolução do calendário agrícola da safra catarinense 23/24 por região produtora

Nota: Estimativa até 3 de nov/23.

Legenda: Prec.(mm) - precipitação; Des.Veg.(%) – percentual de desenvolvimento vegetativo; Flor.(%) – percentual de floração; Frut.(%) – percentual de frutificação; Mat.(%) – percentual de maturação; Temp. Máx.(°C) – temperatura máxima; Temp. Min.(°C) – temperatura mínima.

Fonte: Epagri/Cepa e Epagri/Ciram

Conforme dados e informações do Projeto Safra e do Estudo das Cadeias Produtivas da fruticultura (ambos do Epagri/Cepa), as regiões de Joaçaba e Curitiba são as principais produtoras de maçãs precoces no estado catarinense.

Na microrregião de Joaçaba, os pomares de maçãs precoces apresentaram floração entre a última semana de agosto e a terceira de setembro. A frutificação se iniciou na segunda semana de setembro, com temperaturas negativas no início da frutificação, e maturação conforme previsto para no início de dezembro. A tendência é de valorização nas cotações das frutas colhidas em dezembro, devido a redução dos estoques da safra passada e da oferta dessas frutas. Nos pomares, as maçãs precoces, a partir da última semana de setembro, estão 100% em frutificação; após os trabalhos de quebra de dormência, a florada estava acima da média. O acumulado de precipitação em outubro e o aumento das temperaturas mínimas, porém, poderão afetar a qualidade da fruta para armazenamento e aumentar a expectativa de aumento no escoamento futuro durante a colheita.

Nos pomares da microrregião de Curitiba, as maçãs precoces apresentaram floração entre a terceira semana de agosto e a segunda de setembro. A frutificação se iniciou na primeira semana de setembro; a maturação deve iniciar-se no início de dezembro. Nos pomares, as maçãs precoces estão 100% em frutificação desde a primeira semana de setembro. Após os trabalhos de quebra de dormência, 10% das áreas haviam iniciado a frutificação. Do final de setembro até a 44ª semana, 100%; em novembro, as áreas em produção já estão em frutificação. Como a florada estava acima da média, o acumulado de precipitação em outubro e o aumento das temperaturas mínimas devem afetar a qualidade da fruta a ser colhida em dezembro. No próximo boletim da maçã, será analisada a evolução do calendário de safra de maçã Gala com informações disponíveis no Infoagro (Epagri/Cepa).

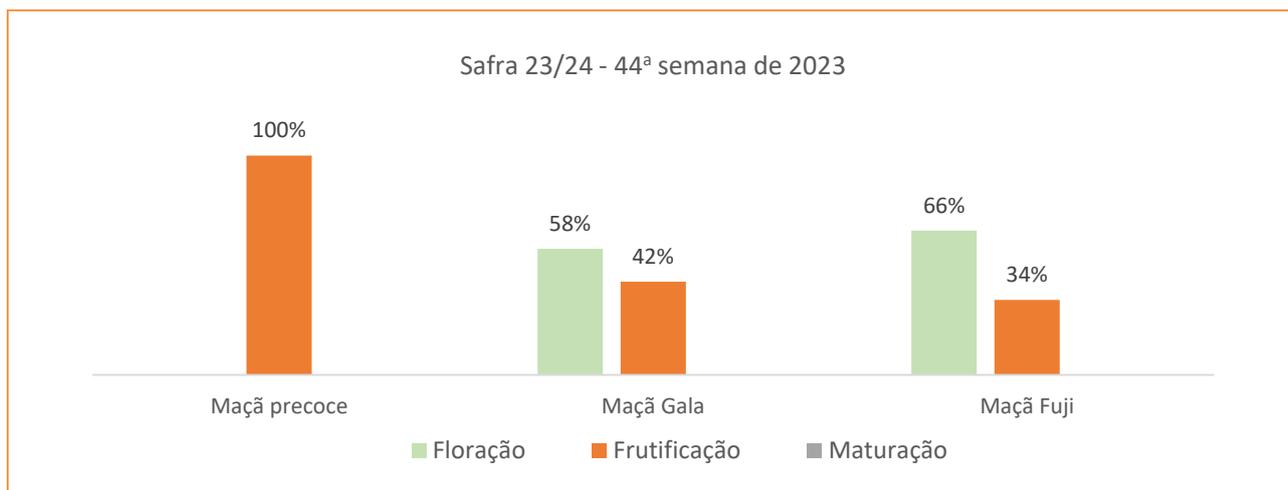


Figura 4. Maçã - Safra 23/24 – Evolução dos estádios fenológicos na 44ª semana de 2023 (%)

Nota: Estimativa até 3 de nov./22.

Fonte: Epagri/Cepa

Com informações dos projetos do Epagri/Cepa, nos pomares catarinenses de maçã estima-se que 61% da produção estadual esteja em floração e 39% em frutificação.

Na produção estadual, são esperados 48,8% de maçã Fuji, com estimativa de 242 mil toneladas e aumento de 5,7% em relação à safra anterior, numa área em produção de 8,5 mil hectares, dos quais atualmente 66% estão em floração e 34%, em fase de frutificação. Na região de Curitibaanos, a floração se iniciou em setembro, na 38ª semana, e a frutificação, em outubro, a partir da 40ª semana de 2023. Os efeitos climáticos afetaram a floração e causaram dificuldades à polinização devido à precipitação acumulada de 400mm em outubro, o que pode influenciar a qualidade, determinando menor tempo para armazenagem de parte das frutas. Em Joaçaba, a floração se iniciou na 38ª semana e a frutificação, na 42ª semana de 2023. O acúmulo de chuvas em outubro dificultou a floração e os tratamentos fitossanitários na região, com expectativa de frutas com menor calibre. Já as áreas com cobertura antigranizo diminuíram os efeitos negativos causados pelos eventos climáticos adversos na região. Nos Campos de Lages, a floração se iniciou na 38ª semana, perdurando até a 44ª semana, e 30% desse total já está em frutificação. As chuvas prejudicaram a floração, a polinização e os tratamentos fitossanitários na região, mas diminuíram a necessidade de raleio de parte das flores com a queda decorrente dos eventos climáticos, enquanto as novas áreas mantiveram as estimativas de produtividade para a safra 23/24.

Para a maçã Gala, com 49,3% da produção, são estimadas 245 mil toneladas e redução de 7,8% no comparativo com a safra 22/23. Numa área em produção de 7 mil hectares, 58% em estágio de floração e 42%, em frutificação. Na região de Curitibaanos, a floração se iniciou em setembro, na 37ª semana, e a frutificação, em outubro, a partir da 40ª semana de 2023. Os efeitos climáticos afetaram a floração com problemas de abortamento em pomares com maior tempo de produção na região. Em Joaçaba, a floração se iniciou na 38ª semana e se estendeu até a 44ª semana; a frutificação teve início a partir da 41ª semana de 2023. A região sofreu com tempestades, granizo e ventos fortes, enfrentando dificuldades no manejo fitossanitário, com expectativa de variação nos calibres das frutas e menor produtividade média da variedade na região. Nos Campos de Lages, a floração, iniciada na 38ª semana, se prolongou até a 44ª semana, já com início da frutificação. O aumento da umidade e os dias nublados podem provocar predisposição para problemas fitossanitários, afetando a qualidade da fruta e seu tempo de estocagem, mas o aumento de novas áreas pode compensar, em parte, o receio, de menor produção.

Estima-se para as maçãs precoces, com 2% da produção estadual, uma colheita de 9,8 mil toneladas, com redução de 7,2% em relação à safra anterior, estando a área 100% em fase de frutificação. Na região de Curitibaanos, a floração se iniciou em agosto, na 33ª semana, e a frutificação, em setembro, a partir da 36ª

semana de 2023. A floração foi intensa entre agosto e setembro. O excesso de frutificação foi amenizado com as quedas provocadas pelos eventos climáticos adversos de outubro. Em Joaçaba, a floração se iniciou na 35ª semana, em agosto, e a frutificação teve início na 37ª semana de 2023. As chuvas intensas de outubro dificultaram a pulverização e os manejos, além de pomares, com queda de granizo na região. Pomares com variedades Eva e Condessa, porém, mantiveram frutificação adequada.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 22/23 e a estimativa atual da safra 23/24

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 22/23			Estimativa final 23/24			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.583	84.220	32.605	2.596	82.382	31.734	0,5	-2,2	-2,7
Curitibanos	947	26.159	27.623	915	30.880	33.748	-3,4	18,0	22,2
Campos de Lages	11.772	444.816	37.786	12.268	384.361	31.330	4,2	-13,6	-17,1
Subtotal	15.302	555.195	36.282	15.779	497.623	31.537	3,1	-10,4	-13,1
Outras	67	1.850	27.612	67	1.850	27.612	0,0	0,0	0,0
Total	15.369	557.045	36.245	15.846	499.473	31.520	3,1	-10,3	-13,0

Fonte: Epagri/Cepa, nov. de 2023

Em outubro, a expectativa da safra 23/24 em relação à anterior é de redução de 10,3% na produção. Na microrregião dos Campos de Lages, mesmo com novas áreas, espera-se uma redução de 13,6% na produção devido aos efeitos adversos dos eventos climáticos e meteorológicos de outubro de 2023. Até a 44ª semana de 2023 cerca de 54,1% das áreas estaduais em produção na região estavam em floração e 23,2%, em frutificação. Na microrregião de Joaçaba, é prevista redução de 2,2% em comparação à safra 22/23, sendo que até a última semana com dados validados, 6,4% das áreas estaduais na região estavam em floração e outros 10% em frutificação. Na microrregião de Curitibanos, com novas áreas e menor efeito dos eventos climáticos nos pomares, a estimativa é de 18% de aumento na produção, sendo que os 6,2% das áreas estaduais de maçã na região já estão em frutificação.

Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do arroz seguem em ascensão desde julho, com perspectiva de se manter nessa trajetória. Em Santa Catarina, os preços ao produtor fecharam o mês de outubro com variação positiva de 1,14% em relação à média de setembro e variação de 1,41% na média parcial da primeira quinzena de novembro em relação a outubro. No Rio Grande do Sul, o mercado encontra-se mais aquecido, tendo fechado o mês de outubro com variação positiva de 2,67% em relação à média de setembro, e variação de 5,54% na parcial de novembro em relação a outubro. Embora esse comportamento seja esperado para esta época do ano, em razão do período de entressafra, outros fatores potencializaram esse efeito. O primeiro deles é a produção gaúcha, que, na safra 22/23, sofreu quebra decorrente de problemas com a estiagem e na safra 23/24 está com o plantio atrasado em razão do excesso de chuvas, o que pode resultar em redução da produtividade por não ocorrer na janela ideal de plantio. Outro fator importante é que a consequente menor produção brasileira na safra 22/23 veio combinada com estoque baixo dos demais países do Mercosul, que também enfrentaram problemas climáticos, reforçando a tendência de alta dos preços pela menor oferta interna. Ademais, soma-se o fato de o Brasil ter exportado mais neste ano, especialmente no primeiro semestre, em razão da taxa de câmbio favorável a tais operações. De maneira geral, o aumento dos preços foi observado em todas as regiões do estado, especialmente no Litoral Sul e Grande Florianópolis, que, pela proximidade, sofrem forte influência do mercado gaúcho.

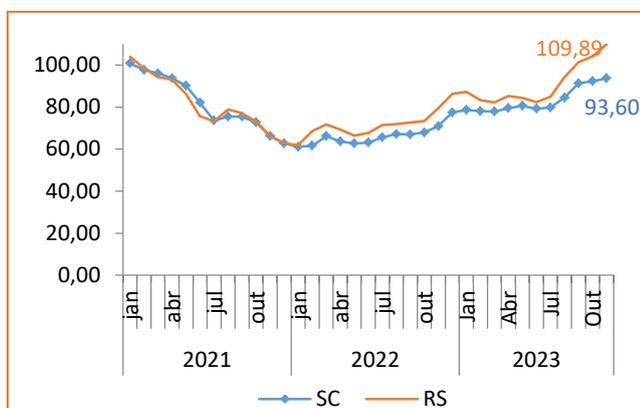


Figura 1. Arroz irrigado – SC e RS: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2021 a nov.⁽¹⁾./2023)

⁽¹⁾ Média da primeira quinzena do mês.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) nov./2023.

Região Agro	Set./2023	Out./2023	Nov./2023 ⁽¹⁾
Alto Vale do Itajaí	90,00	89,00	90,00
Grande Florianópolis	93,50	91,71	94,71
Litoral Norte	90,50	89,78	94,14
Litoral Sul	94,00	92,72	95,57

Figura 2. Arroz em casca – preços nominais ao produtor por região agro (R\$/sc 50kg)

⁽¹⁾ Média da primeira quinzena do mês.

Fonte: Observatório Agro Catarinense e Infoagro - Epagri/Cepa (SC), nov./2023.

Em relação à comercialização, estima-se que até o momento, ou seja, desde janeiro deste ano, cerca de 97,42% da produção catarinense da safra 22/23 já tenha sido comercializada no estado, especialmente entre os meses de fevereiro e abril, levando a um preço médio, até o momento, de R\$82,13¹/sc 50kg.

¹ Preço médio ao produtor, ponderado pelo percentual de comercialização estimado para cada mês.

Mercado Externo

De janeiro a setembro de 2023, as exportações catarinenses somaram US\$9,454 milhões, tendo como principal destino a Venezuela. Este valor é mais que o dobro do total exportado em todo o ano de 2022 e representa cerca de 2,0% total exportado pelo Brasil em 2023. Isto porque o dólar estava favorável e impulsionou as exportações, enquanto os Estados Unidos, grande concorrente do Brasil no mercado externo, apresentaram quebra na última safra. Do lado das importações, a partir de junho, houve um incremento significativo para atender às necessidades da indústria no período de entressafra, totalizando US\$20,998 milhões de janeiro a outubro de 2023 - incremento de 114,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. O principal parceiro comercial continua sendo o Uruguai, pela proximidade dos mercados e por características similares do grão consumido no Brasil. A necessidade de importação do Brasil tende a ser maior este ano, visto que a safra gaúcha foi muito prejudicada pela estiagem.

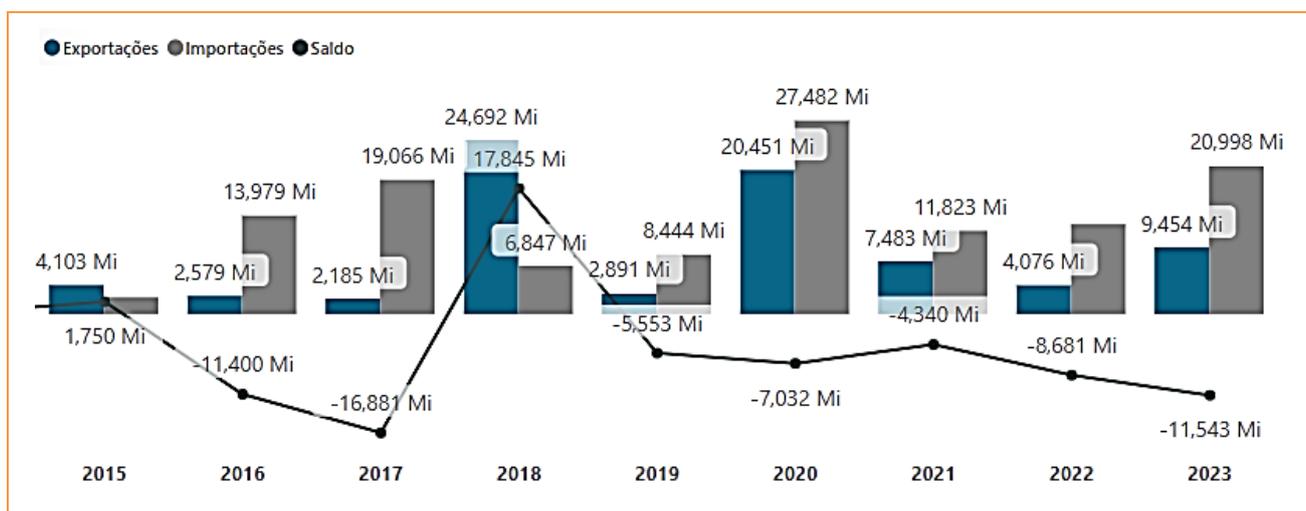


Figura 3. Arroz e derivados – Balança comercial de Santa Catarina (US\$), 2010 a 2023⁽¹⁾

⁽¹⁾ Dados de janeiro a outubro de 2023.

Elaboração: Observatório Agro Catarinense, nov. 2023.

Fonte: MDIC – Comexstat, nov. 2023

Acompanhamento de safra

A estimativa atual da safra 23/24 aponta, em Santa Catarina, para leve redução da área em relação à safra anterior (variação de -0,87%), ocorrida principalmente na região Litoral Norte do estado e no Alto Vale do Itajaí, fato que se explica pela conversão de áreas de arroz em áreas urbanas. A produtividade também deverá ser menor - aproximadamente -0,87% -, haja vista que a produtividade obtida na safra anterior foi excepcional, devendo retornar nesta safra a um patamar de normalidade. Ademais, outro fator contribuiu para a redução da produtividade: a confirmação do fenômeno El Niño, que tende a proporcionar dias chuvosos e ausência de sol, o que pode reduzir a produtividade. Com isso, a produção estimada é de 1,245 milhão de toneladas de arroz em casca, a ser absorvido pela indústria. A demanda desse setor gira em torno de 1,5 milhão de toneladas, em sua maior parte suprida pela produção do estado e o restante, pelos países do Mercosul (Uruguai e Paraguai) e pelo Rio Grande do Sul. Em função das chuvas das últimas semanas, algumas áreas deverão ser replantadas, especialmente no Alto Vale do Itajaí. Nas demais regiões do estado, os prejuízos ainda são pontuais e as lavouras tendem a se recuperar até o final do ciclo. No entanto, destacam-se relatos de dificuldade de execução de tratamentos fitossanitários em função das chuvas, o que tende a resultar em problemas no decorrer da safra, bem como em dificuldades de desenvolvimento e estabelecimento da cultura por falta de luminosidade e ausência de dias ensolarados.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 22/23 e 23/24⁽¹⁾

Microrregião	Safra 22/23			Estimativa inicial – Safra 23/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Prod.	Produtiv.
Araranguá	58.848	521.576	8.863	58.848	506.192	8.602	0,00	-2,95	-2,95
Blumenau	7.115	64.752	9.101	7.064	62.569	8.858	-0,72	-3,37	-2,68
Criciúma	21.829	204.114	9.351	21.829	198.154	9.078	0,00	-2,92	-2,92
Florianópolis	1.899	13.269	6.987	1.894	13.708	7.238	-0,26	3,31	3,59
Itajaí	9.163	78.387	8.555	9.017	78.800	8.739	-1,59	0,53	2,15
Ituporanga	170	1.483	8.726	170	1.632	9.600	0,00	10,05	10,02
Joinville	18.195	144.325	7.932	17.788	145.933	8.204	-2,24	1,11	3,43
Rio do Sul	10.643	100.763	9.468	9.970	86.021	8.628	-6,32	-14,63	-8,87
Tabuleiro	132	924	7.000	132	990	7.500	0,00	7,14	7,14
Tijucas	2.164	14.548	6.723	2.164	15.743	7.275	0,00	8,21	8,21
Tubarão	16.873	123.395	7.313	16.873	135.839	8.051	0,00	10,08	10,09
Santa Catarina	147.031	1.267.538	8.621	145.749	1.245.583	8.546	-0,87	-1,73	-0,87

⁽¹⁾ Estimativa inicial da safra 23/24.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), nov./2023

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de outubro, o preço médio mensal recebido pelos produtores catarinenses de feijão-carioca fechou em R\$151,78/sc de 60kg, redução de 0,25% em relação ao do mês anterior. Para o feijão-preto, o preço médio permaneceu estável, fechando a média mensal em R\$215,66/sc de 60kg. Na comparação com outubro do ano passado, o preço médio da saca, em termos nominais, está 38,95% mais baixo. Para o feijão-preto, registra-se um incremento de 19,35% na variação anual.

Tabela 1. Feijão – evolução do preço médio mensal recebido pelo produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Out./23	Set./23	Variação mensal (%)	Out./22	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	151,78	151,40	0,25	248,60	-38,95
Paraná		204,99	182,55	12,29	292,00	-29,80
Mato Grosso do Sul		181,13	181,91	-0,43	251,06	-27,85
Bahia		217,66	206,81	5,25	271,88	-19,94
São Paulo		229,62	206,81	11,03	301,47	-23,83
Goiás		198,17	195,35	1,44	272,81	-27,36
Santa Catarina	Feijão-preto	215,66	214,74	0,43	180,70	19,35
Paraná		235,79	225,43	4,60	194,28	21,37
Rio Grande do Sul		227,35	245,31	-7,32	218,40	4,10

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB/Deral (PR); Conab (MS, BA, SP, GO e RS) - nov. /2023

Nessa safra, o clima será o fator fundamental para a formação de preços. Com uma safra incerta no Sul do País, produtores e compradores têm dificuldade para determinar preços. Outro aspecto importante está relacionado à qualidade do produto colhido, o excesso de umidade, que tem propiciado o aparecimento de doenças. Os produtores, contudo, estão tendo dificuldades em realizar os controles fitossanitários por causa do excesso de chuvas e da umidade no solo, o que dificulta a entrada nas lavouras.

Safra catarinense

Feijão 1ª safra

No panorama regional, para as MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, o mês de outubro foi marcado pela persistência das chuvas, prejudicando os produtores quanto às atividades relacionadas a adubação, a tratamentos fitossanitários e demais tratamentos culturais. As desfavoráveis condições climáticas nesta safra serão responsáveis pela queda de produtividade, refletindo-se na produção do feijão primeira safra. Na MRG de Blumenau, mês caracterizado por chuva volumosa e persistente, chegando a 150 mm na última semana de outubro. Temperaturas altas se alternam com temperaturas mais amenas. Cerca de 80% da área destinada ao plantio de feijão já foi semeada.

Para as MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, no Planalto Norte do estado, o plantio das áreas de feijão tiveram pouca evolução no mês de outubro. O período de chuvas e de alta umidade no solo dificulta a entrada das máquinas. Nas áreas implantadas, as plantas encontram-se em desenvolvimento vegetativo; algumas áreas, porém, foram inundadas e/ou atingidas por granizo. O excesso de chuvas tem promovido a perda de nutrientes (adubação) por lixiviação no solo. Tem-se observado o aparecimento de doenças. Nas áreas em que é possível a entrada de máquinas com pulverizadores, os tratamentos fitossanitários estão sendo realizados, mas com muita dificuldade em função do excesso de umidade.

Na região Oeste, para as MRG's de Chapecó e Xanxerê, as operações de plantio já estão praticamente concluídas, restando áreas a serem semeadas na MRG de Xanxerê. As plantas encontram-se em fase de desenvolvimento e, em alguns locais, a fase de floração já é observada. Os grandes volumes de chuva na região têm atrasado o desenvolvimento da cultura. Tratamentos fitossanitários estão sendo realizado pelos produtores. Já na MGR de São Miguel do Oeste, no extremo oeste do estado, as operações de plantio estão encerradas. A fase de desenvolvimento predominante nas lavouras é a floração. As lavouras estão sofrendo com o excesso de chuvas e frio na região, condição climática que poderá prejudicar o desenvolvimento da cultura e a produtividade final.

Para as MRG's de Concórdia, Joaçaba e Curitiba, o mês de outubro também foi comprometido pelo excesso de chuvas e umidade no solo. Com essa condição climática, fica difícil imaginar que ainda se possa ter uma boa safra. Na região de Curitiba, não há plantio de feijão até o momento, devendo ocorrer após a colheita da safra de inverno. As condições climáticas estão fazendo alguns produtores repensarem o plantio da cultura. Não surpreenderá se tivermos nova redução de área plantada. Na região de Joaçaba não é diferente; o plantio de feijão está lento, devido ao excesso de chuvas. Os maiores plantadores estão com receio de semear o feijão frente aos efeitos do El Niño. Poderemos ter mudanças de opção de plantio por parte dos produtores para outra cultura em áreas já reservadas para o cultivo de feijão comercial.

Nas MRG's de Tabuleiro e Tijucas, teve início a fase de floração das plantas de feijão. As chuvas em excesso, a nebulosidade e as temperaturas amenas podem afetar negativamente o desenvolvimento da cultura. Devido às dificuldades causadas pelas chuvas, ainda restam áreas a serem semeadas.

Conforme anunciado pelos meteorologistas, o fenômeno El Niño veio com força nesse início da safra de verão. Certamente, haverá prejuízos expressivos para a agricultura. Até o momento, para o feijão 1ª safra, com cerca de 26% das áreas destinadas à cultura já implantadas, espera-se um plantio de 31 mil hectares, crescimento modesto (1,6%) em comparação com o da safra passada. A produtividade média esperada, diante da realidade das chuvas enfrentadas, deverá sofrer redução de 4,5%, o que deverá se refletir, conforme é possível prever, em redução de 3,0% na produção.

Tabela 2. Feijão 1ª – comparativo de safra 22/23 e estimativa safra 23/24

Microrregião	Safra 22/23			Estimativa inicial safra 23/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	53	70	1.321	53	61	1.159	0,0	-12,2	-12,2
Blumenau	-	-	-	119	169	1.417	-	-	-
Campos de Lages	7.970	15.344	1.925	7.960	15.329	1.926	-0,1	-0,1	0,0
Canoinhas	7.800	15.505	1.988	8.000	13.740	1.718	2,6	-11,4	-13,6
Chapecó	1.710	3.756	2.196	1.746	3.962	2.269	2,1	5,5	3,3
Concórdia	285	256	898	305	366	1.200	7,0	43,0	33,6
Criciúma	667	932	1.397	667	822	1.232	0,0	-11,8	-11,8
Curitibanos	1.590	3.717	2.338	1.520	3.324	2.187	-4,4	-10,6	-6,5
Florianópolis	15	15	1.000	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	1.140	2.028	1.779	795	1.204	1.514	-30,3	-40,6	-14,9
Joaçaba	2.820	5.922	2.100	3.090	6.657	2.154	9,6	12,4	2,6
Rio do Sul	805	1.124	1.396	739	999	1.352	-8,2	-11,1	-3,2
São Bento do Sul	600	1.040	1.733	600	940	1.567	0,0	-9,6	-9,6
São M. do Oeste	635	1.325	2.087	675	1.412	2.092	6,3	6,6	0,3
Tabuleiro	330	355	1.076	325	389	1.195	-1,5	9,4	11,1
Tijucas	190	271	1.426	170	207	1.215	-10,5	-23,8	-14,8
Tubarão	523	712	1.361	523	599	1.145	0,0	-15,9	-15,9
Xanxerê	3.532	9.004	2.549	3.859	9.359	2.425	9,3	3,9	-4,9
Santa Catarina	30.665	61.375	2.001	31.146	59.539	1.912	1,6	-3,0	-4,5

Fonte: Epagri/Cepa, nov. /2023.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Evolução dos preços

No estado, em outubro, os preços ao produtor apontam para um sinal lento de recuperação (Figura 1). Nos estados com maior produção do cereal, o comportamento foi semelhante, excetuando-se Mato Grosso, com volumes na safra 22/23, as negociações alcançaram 76,78% do total. O IMEA_MT ressalta que a comercialização da safra 22/23 está 14,4% atrasada em relação à média dos últimos cinco anos e 6,80% ante o ciclo passado.² No estado também ainda há em estoque em torno de 20% da safra anterior, ou seja, os produtores aguardam preços melhores.

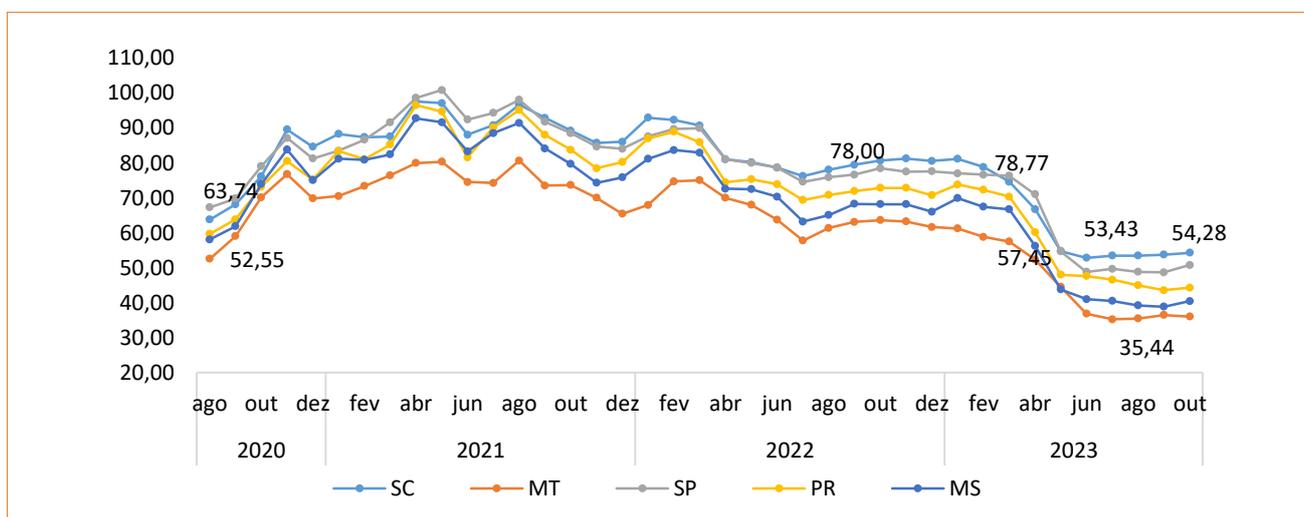


Figura 1. Milho/SC – Preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60 kg), de ago./2020 a out./2023 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri- Cepa

Os fatores que ainda influem no mercado do milho neste final de ano são os recordes da produção na safra 22/23, que disponibiliza estoques satisfatórios para as agroindústrias. No entanto, o volume das exportações no ano se aproxima de 43 milhões de toneladas (acumulado até out./2023)³, fato que pode favorecer a recuperação dos preços.

² IMEA-MT, Boletim semanal 775, novembro 2023. Venda de milho MT.

³ <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>



Figura 2. Milho/SC – Variação dos preços ao produtor em 30 dias e 12 meses, base outubro de 2023

Variação dos preços atuais e relações com Mercado Futuro Ibovespa-B3,

A relação entre os preços atuais e as cotações no mercado futuro pode ser observada no gráfico abaixo. Os preços Cepea e Epagri/Cepa (Campinas e Chapecó) são no atacado. Observa-se que, as cotações B3 - X23 (contrato nov./2023) se aproximam do preço Cepea, comportamento esperado quando da aproximação do vencimento do contrato. Em relação ao contrato B3-H24 (março 2024), verifica-se a elevação das cotações para perto de R\$ 70,00, ou superior. Neste caso, nas condições das lavouras da safra de verão em curso, o atraso no plantio da soja aponta para uma redução da produção futura (milho safra 1 e 2), quando comparada às estimativas iniciais. Além disso, os volumes recordes de exportações do cereal pelo Brasil, diminuem os estoques internos. O mercado está prevendo uma menor disponibilidade do produto em 2024. Há uma tendência de os preços seguirem a orientação da cotação do dólar, embora existam alguns picos de alta em alguns momentos, motivados por fatores externos à política monetária.

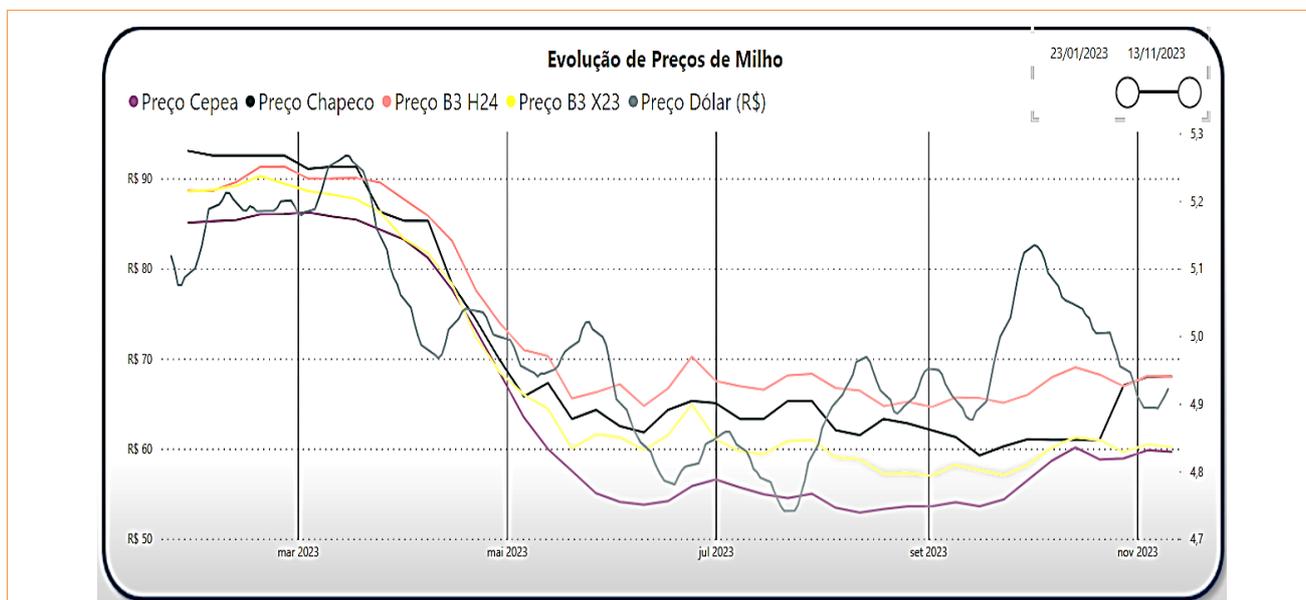


Figura 3. Milho/Mercado futuro – Cotações dos preços Cepea (Campinas-atacado) Chapecó (atacado), B3X23 (contrato Nov. 2023) e B2H24 (contrato março 2024)

Fonte: Esalq/Cepea B3 Ibovespa e Epagri-Cepa. Elaboração: Epagri- Cepa

Safra 23/24 Santa Catarina

Os primeiros números mostraram uma redução de 4,1% na área cultivada na primeira safra de 23/24 (Figura 3). A atualização da previsão no início de novembro para a safra 23-24 faz uma revisão da produtividade de 8,83t/ha para 8,41t/ha (Tabela 1). As condições climáticas do início da safra, com excesso de chuvas que atrasam o plantio e dificultam os tratos culturais, com inundação de lavouras já em desenvolvimento, perda de nutrientes e muitos dias nublados reduzem a fotossíntese e o potencial produtivo, bem como o prognóstico do rendimento inicial.

No próximo relatório a produtividade e produção serão atualizadas (conforme levantamento de campo), novas reduções da produção nas regiões podem ser registradas.

Tabela 1. Milho/SC – Estimativa atual para safra 23/24 – área, produção e rendimento, comparativo com o prognóstico inicial (23/24)

MRG	Safra 23/24 – Est. inicial			Safra 23/24 – Est. out.		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Araranguá	7.786	8.190	63.767	7.786	7.824	60.919
Blumenau	1.805	5.041	9.100	1.805	5.041	9.100
Campos de Lages	31.270	8.146	254.716	31.270	6.803	212.743
Canoinhas	31.400	9.986	313.560	30.200	9.642	291.190
Chapecó	43.155	8.940	385.792	43.055	8.901	383.220
Concórdia	21.830	8.199	178.992	21.830	8.199	178.992
Criciúma	7.109	8.401	59.721	7.109	8.077	57.421
Curitibanos	19.719	10.172	200.575	19.719	10.172	200.575
Ituporanga	8.850	7.953	70.380	8.850	6.418	56.796
Joaçaba	59.226	8.297	491.406	59.226	8.297	491.406
Joinville	390	5.322	2.076	390	5.322	2.076
Rio do Sul	16.780	7.020	117.796	16.780	6.643	111.473
São Bento do Sul	3.000	9.180	27.540	3.000	9.140	27.420
São Miguel do Oeste	21.840	10.453	228.295	21.330	8.656	184.625
Tabuleiro	2.080	6.975	14.508	2.080	6.366	13.241
Tijucas	3.635	6.448	23.440	3.635	5.604	20.371
Tubarão	4.433	8.312	36.848	4.433	7.957	35.272
Xanxerê	24.180	10.200	246.640	21.580	10.221	220.560
Total geral	308.488	8.834	2.725.150	304.078	8.410	2.557.398

Fonte: Epagri/Cepa

Safra Nacional

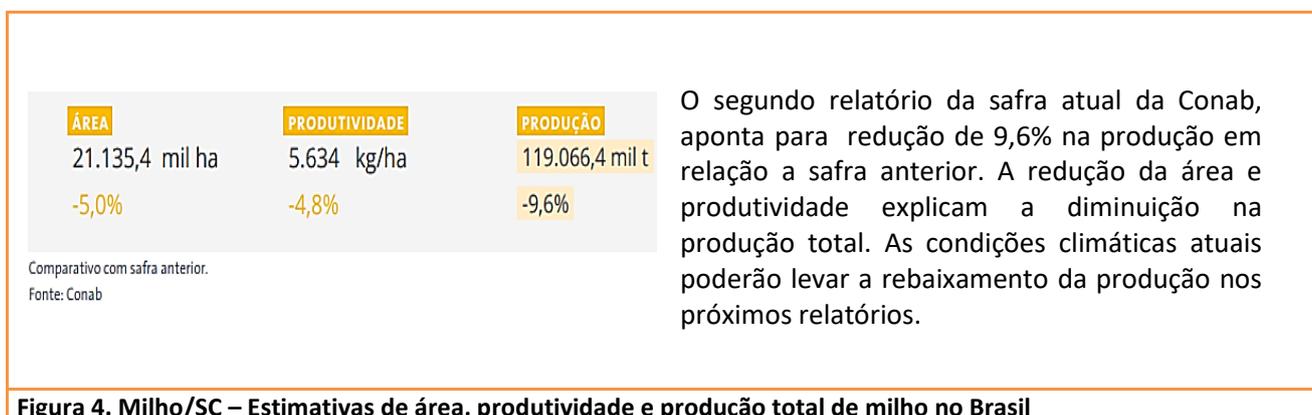
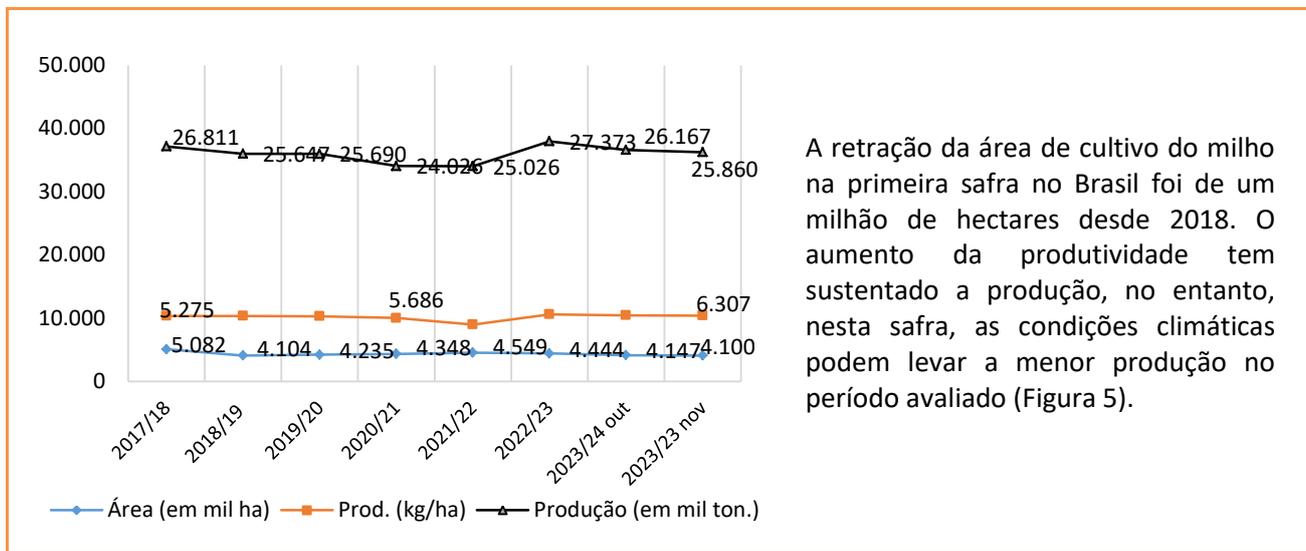


Figura 4. Milho/SC – Estimativas de área, produtividade e produção total de milho no Brasil

Safra Nacional – primeira safra (verão)

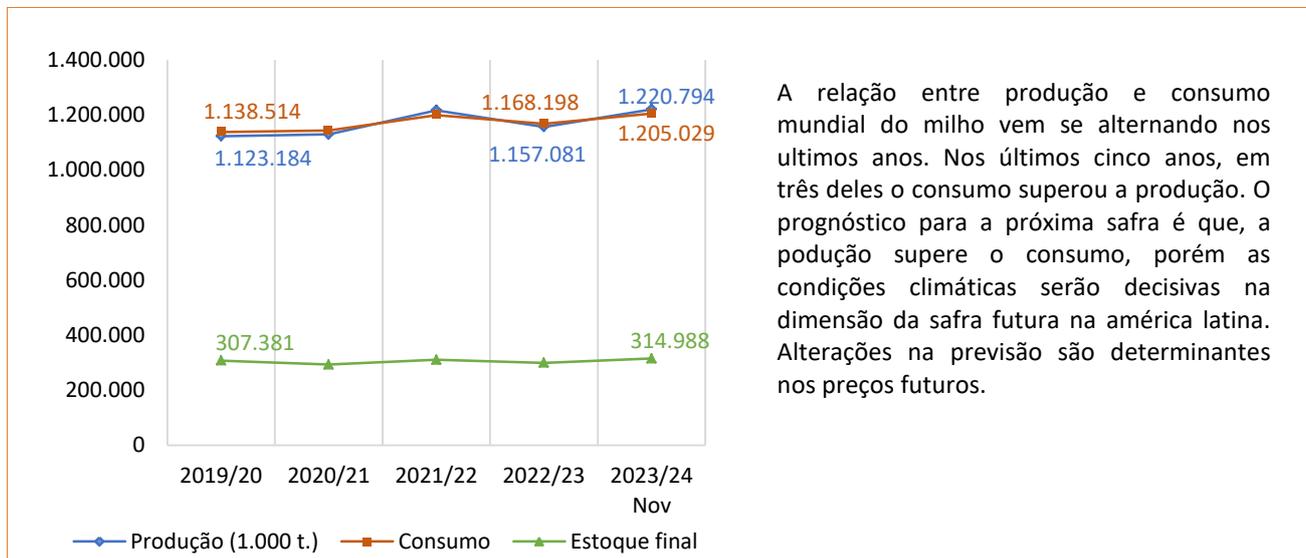


A retração da área de cultivo do milho na primeira safra no Brasil foi de um milhão de hectares desde 2018. O aumento da produtividade tem sustentado a produção, no entanto, nesta safra, as condições climáticas podem levar a menor produção no período avaliado (Figura 5).

Figura 5. Milho/SC – Evolução da área, produtividade e produção na primeira safra

Fonte. Conab, 2023

Produção mundial



A relação entre produção e consumo mundial do milho vem se alternando nos últimos anos. Nos últimos cinco anos, em três deles o consumo superou a produção. O prognóstico para a próxima safra é que, a produção supere o consumo, porém as condições climáticas serão decisivas na dimensão da safra futura na América Latina. Alterações na previsão são determinantes nos preços futuros.

Figura 6. Milho/SC – Evolução da produção, consumo e estoque (em 1.000 t) mundial de milho, de 2019-20 a 2023-24 (estimativa)

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Mercado da soja

No cenário nacional, a confirmação de uma safra 22/23 recorde no Brasil - de 154,6 milhões de toneladas⁴ - pressionou os preços da soja no mercado interno desde o início do ano. No entanto, houve uma mudança no movimento de baixa a partir de julho, registrando-se, na média mensal de agosto, uma cotação de R\$139,28/sc (Figura 1). Os preços da soja em grão apresentam forte oscilação no mercado brasileiro no início de outubro, com tendência de baixa nas cotações, o que se confirmou na média mensal. A pressão veio da desvalorização do dólar frente ao real e, em especial, da intensificação da colheita nos Estados Unidos – esse contexto atraiu importadores do Hemisfério Norte e resultou em menor demanda pela oleaginosa brasileira⁵. Em relação aos preços atuais, diante da entrada da safra 23/24 de soja no Hemisfério Norte, o contrato da soja operou abaixo dos US\$13,00/bushel em grande parte de outubro. Assim, o preço médio do mês foi o menor desde nov./21, em termos nominais, a US\$28,32/sc de 60kg, sendo também 3% inferior ao de set./23.

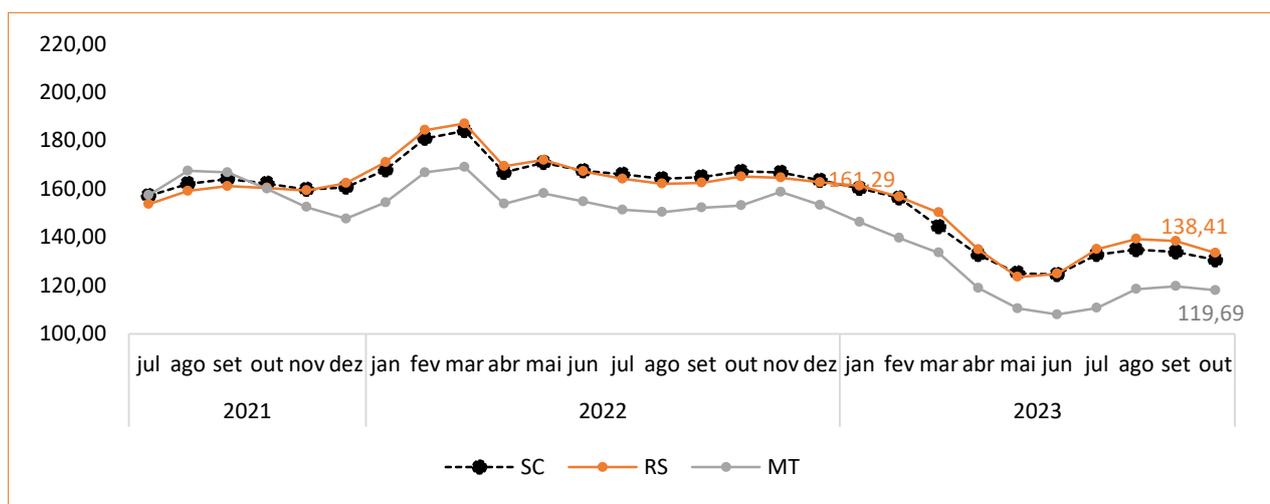


Figura 1. Soja em grão: preços mensais recebidos pelo produtor (R\$/sc), levantados pela Epagri/Cepa e média estadual de 2020 a 2023 (preço mais comum, média estadual, corrigido pelo IGP-DI)

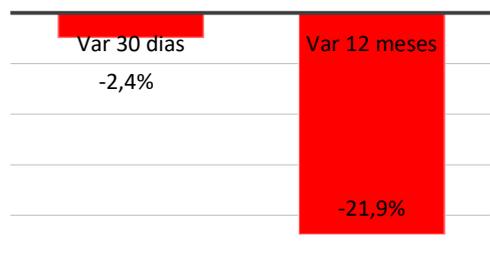
Fonte: Epagri /Cepa

No entanto, fatores climáticos atuam na safra sul-americana no período: falta de chuvas no Centro-Oeste e excesso no Sul do Brasil. Na Argentina, as chuvas do fim de outubro avançaram o ritmo de plantio.⁶

⁴ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 11 – safra 2022/23, n° 11 – nono levantamento | agosto 2023.

⁵ <https://www.cepea.esalq.usp.br/> Novembro, 2023.

⁶ Panorama agrícola semanal, em 13 de novembro: <https://www.bolsadecereales.com/imagenes/pass/2023->



A variação de preços em 30 dias, base em outubro, apresentou um pequeno recuo de 2,4% em relação à do mês anterior (Figura 2). No cenário de 12 meses, a variação é negativa de 21,9%. Influem ainda a oferta do produto no mercado interno.

Figura 2. Soja – Variação de preços da soja em 30 dias e 12 meses, base referência outubro de 2023

Fonte: Epagri /Cepa

Safra estadual 2023/24 por microrregião

O total da oleaginosa produzida no estado vem apresentando um crescimento contínuo na última década. A estimativa inicial para a safra 23/24 confirma o fenômeno do crescimento, agora 1,7% maior que o da safra anterior na área a ser plantada. A produção total prevista é de 2,89 milhões de toneladas (MT) na primeira safra (Tabela 1). No atual relatório, foi reduzida a produção total do estado para 2,73 MT, em função das chuvas intensas e do atraso no plantio, que deve impactar a produtividade e a produção total. Quanto à área, foi realizado ajuste em regiões específicas. A Epagri/Cepa está mapeando a área de soja no estado por sensoriamento remoto/imagens de satélite. Este mapeamento forneceu os elementos para os ajustes na área de cultivo atual. Desta maneira, os números serão mais próximos da realidade de campo.

No próximo relatório a produtividade e produção serão atualizadas (conforme levantamento de campo), novas reduções da produção nas regiões podem ser registradas.

Tabela 1. Soja/Santa Catarina – Estimativa inicial da safra 23/24 em área, produção e produtividade, média regional e estadual – comparativo com a estimativa atual (out. /2023)

MRG	Safra 23/24 - inicial			Safra 23/24 – out./23		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (t/ha)	Produção (t)
Araranguá	740	3.489	2.582	740	3.480	2.575
Campos de Lages	80.517	3.758	302.544	80.517	3.643	293.312
Canoinhas	158.750	3.959	628.430	160.850	3.808	612.570
Chapecó	86.500	3.415	295.361	85.170	3.434	292.514
Concórdia	8.722	3.949	34.444	8.722	3.864	33.702
Criciúma	4.440	3.535	15.698	4.440	3.533	15.688
Curitibanos	125.330	4.099	513.681	125.330	4.000	501.320
Ituporanga	9.100	3.877	35.280	9.100	3.943	35.880
Joaçaba	63.619	3.860	245.549	63.619	3.737	237.770
Rio do Sul	10.040	3.519	35.327	10.040	3.446	34.599
São Bento do Sul	12.500	3.707	46.340	12.700	3.467	44.027
São Miguel do Oeste	40.220	3.857	155.148	40.070	3.781	151.503
Tubarão	1.450	3.297	4.781	1.450	3.380	4.901
Xanxerê	142.720	4.043	576.968	138.770	3.935	546.101
Total geral	744.648	3.884	2.892.131	741.518	3.686	2.732.893

Fonte: Epagri /Cepa.

Produção Nacional⁷

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
45.295,6 mil ha	3.586 kg/ha	162.420,9 mil t
+2,8%	+2,2%	5,1%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A Conab atualizou os números da estimativa inicial para a safra de soja em 23/24. O relatório de novembro aponta para um aumento de 2,8% na área cultivada em relação à anterior. A produção deve alcançar 162,4 milhões de toneladas, uma elevação prevista de 5,1% sobre a safra passada. Ainda não foi calculado o impacto da estiagem no Centro-Oeste e o das chuvas em excesso no Sul do País.

Figura 3. Soja/Brasil – Relatório atual (nov./2023) da safra 23/24 em área, produção e produtividade e comparativo com a safra anterior

Fonte: Conab, out. 2023

Soja – Produção, processamento e estoque mundial

No relatório de novembro 2023, o USDA⁸ atualiza os dados da produção, do processamento e do estoque final estimado. A produção mundial de 2020 a 2023 apresentou um crescimento de 13,2% ,o processamento de 6,3% e, no, estoque final, de 16,9%. As projeções para 2024 mantêm-se próximo a estes patamares. O aumento da produção global nos últimos dois anos e a elevação dos estoques contribuíram para a pressão dos preços no mercado internacional desde o início de 2023.

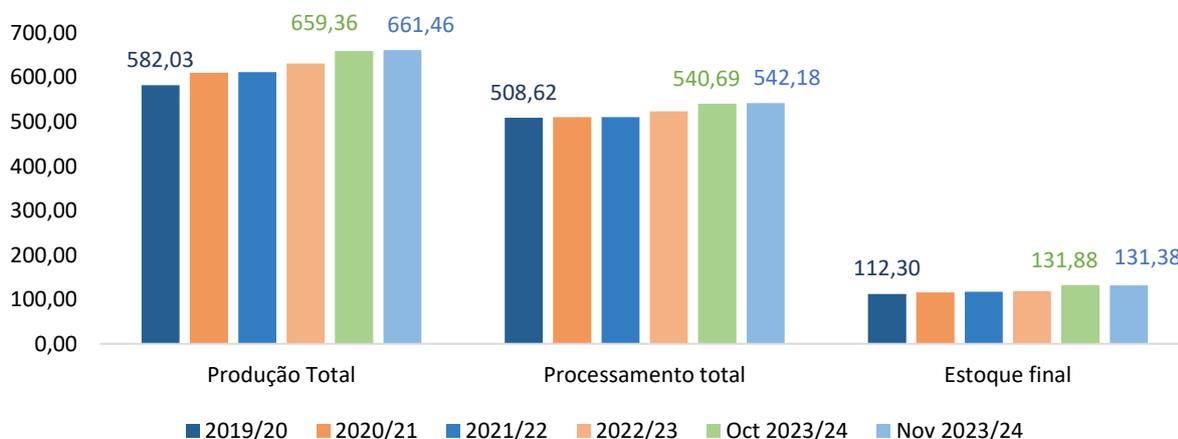


Figura 4. Soja/Global – Estimativa da produção mundial de soja, processamento e estoque final de 2019/20 a 2023/24 (relatório USDA, nov./2023)

Fonte: Epagri /Cepa

⁷ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.11 – safra 2023/24, n°2 – Segundo levantamento | novembro 2023.

⁸ Global Market Analysis. Oilseeds: World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/USDA 16 November 2023

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços médios recebidos pelos produtores catarinenses de trigo continuaram a cair durante o mês de outubro - variação negativa de 3,76% em relação ao mês anterior. Na comparação anual, em termos nominais, os preços recebidos em outubro deste ano estão 40% abaixo dos registrados no mesmo mês de 2022. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou queda de 13,22% em relação a setembro de 2023, e queda de 45,37% na comparação com os preços de outubro de 2022. O preço médio do trigo no mercado-balcão do Paraná, no mês de outubro, foi de R\$ 50,99/sc de 60 kg, variação de 0,1% em relação ao preço médio de setembro.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Out. /23	Set. /23	Variação mensal (%)	Out. /22	Variação anual (%)
Santa Catarina	56,00	58,19	-3,76	93,40	-40,04
Paraná	50,99	50,92	0,14	94,07	-45,80
Mato Grosso do Sul	47,75	50,48	-5,41	93,00	-48,66
Goiás	67,50	70,33	-4,02	108,00	-37,50
Rio Grande do Sul	51,07	58,85	-13,22	93,49	-45,37

Nota: Trigo-pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Deral/Seab (PR); Conab (MS, GO e RS), nov./2023

No dia 24/10, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) anunciou medidas de apoio à comercialização do trigo voltada aos produtores rurais, às cooperativas, às indústrias moageiras e aos comerciantes de cereais. O incentivo será executado por meio de leilões públicos do Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro) e do Prêmio para escoamento de Produto (PEP). Pelas medidas, será ofertado apoio para o escoamento de 154,8 mil toneladas do cereal em cada operação. O volume de recursos financeiros disponibilizados para as operações são de até R\$ 400 milhões para escoamento do produto em grão da safra 2023/24 para fora dos estados de origem da produção.

No caso do PEP, as indústrias moageiras e os comerciantes de cereais recebem o prêmio após comprovar a compra do produto pelo preço mínimo, constante da tabela anexa da Portaria nº 6, de 28 de abril de 2023, do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, e após o escoamento para os destinos permitidos. Os preços mínimos fixados pela Conab, para a safra 23/24, do trigo da classe Pão Tipo 1 PH 78, é de R\$ 87,77/saca de 60kg. Já no Pepro, o prêmio é ofertado ao produtor, ou cooperativa, que efetue a venda do produto pela diferença entre o preço mínimo e o valor do Prêmio Equalizador arrematado, e comprove o escoamento nas condições previstas no aviso.

Segundo a Conab, a produção brasileira do cereal em 2022 superou os 10 milhões de toneladas. O volume foi recorde para a cultura. Neste ano, as expectativas de produção também são positivas, podendo chegar a 10,45 milhões de toneladas. Com uma boa oferta do produto, os preços sofrem pressão de queda no mercado interno. Por conta deste cenário, as cotações internacionais de trigo voltaram a apresentar desvalorizações, influenciadas pela colheita no Hemisfério Norte e pelo excedente exportável de trigo russo, com preço muito competitivo.

Safra Catarinense

Na análise regional para as MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, o excesso de chuvas durante todo mês de outubro interferiu negativamente nas atividades de colheita, assim como nas operações de tratamento fitossanitário. Com a progressão da colheita, verifica-se que as condições climáticas (excesso de chuvas, alta umidade e falta de luminosidade) são responsáveis pela queda de produtividade e pela baixa qualidade do produto colhido.

Nas MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, para o produto colhido mais cedo (antes das fortes chuvas de setembro e outubro), o que corresponde a cerca de 20% da área plantada, a qualidade já havia sido comprometida (PH entre 65 e 75). Nas demais áreas, produtores aguardam um período sem chuvas para "tentar" colher; as perdas de qualidade dos grãos, porém, aumentam a cada dia. Com a continuidade das chuvas, as lavouras da região, em sua maior parte, terão como destino a produção de silagem.

Para as MRG's de Concórdia e Joaçaba, os altos volumes têm impedido as operações de colheita. Com isso, muitas áreas prontas (já dessecadas) vão tendo a colheita postergada e, como consequência, vão perdendo produtividade e qualidade. De forma geral, a produtividade média, na região, está entre 1.800 e 2.400 kg/ha. O peso hectolitro mais comum fica na faixa de 72. Em muitos locais, a colheita de grãos terá como destino a produção de rações para animais.

Nas MRG's de Curitiba e Campos de Lages, o mês de outubro foi bastante complicado para a cultura do trigo em toda a região, com muitos dias de altos volumes de precipitação. Em função disso, as operações de colheita evoluíram muito pouco, e há muitas áreas já prontas para serem colhidas. Este atraso na colheita, associado às condições climáticas adversas, aumenta os problemas relacionados à qualidade do grão e até mesmo à quantidade, já que muitas espiguetas apresentam debulha natural. A expectativa é por dias ensolarados para que os trabalhos de colheita possam evoluir com agilidade. A produtividade média esperada na região é de 2.400 a 3.000 kg/ha. O peso hectolitro (PH) mais comum é de 77, para baixo.

Para as MRG's de Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste, a maior parte das áreas de trigo já foi colhida, restando colher cerca de 25% da área plantada. As chuvas de outubro estão comprometendo seja a qualidade, seja a quantidade do produto colhido. A produtividade média da região deve ficar em 2.400 kg/ha; contudo, há registros de produtividade maiores em áreas menos afetadas, que variam de 3.300 a 3.600 kg/ha. O trigo colhido tem apresentado PH baixo, entre 70 a 75; além disso, muito trigo tem sido comercializado como triguilho, que é um subproduto obtido na classificação do trigo, constituído de grãos fragmentados e chochos e impróprios para consumo humano.

Em todo o estado, até a última semana de outubro, aproximadamente 50% da área destinada ao plantio de trigo nesta safra já havia sido colhida. Com relação às condições de lavoura, elas ficaram comprometidas no último mês em função do excesso de chuvas; com isso, 45% delas foram avaliadas como boas, 25%, em condição média e 30%, em condições ruins. Na comparação com a safra passada, nossas estimativas apontam para uma redução de 1,0% na área plantada. A produtividade irá se reduzir significativamente, com uma diminuição de 28%. Contudo, vale ressaltar que a qualidade do produto colhido será muito ruim, o que irá impactar a remuneração do produtor, reduzindo-a. Com isso, a previsão é de uma safra bem menor do que a alcançada na safra passada. Nossas estimativas apontam uma redução de 28% no volume de produção.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 22/23 e estimativa safra 23/24

Microrregião	Safra 22/23			Estimativa da safra 23/24			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	-	-	-	360	731	2.031	-	-	-
Campos de Lages	8.380	33.868	4.042	5.650	14.783	2.616	-33	-56	-35
Canoinhas	27.100	91.130	3.363	21.700	30.204	1.392	-20	-67	-59
Chapecó	27.880	85.940	3.082	29.654	79.197	2.671	6	-8	-13
Concórdia	3.455	13.106	3.793	3.710	9.547	2.573	7	-27	-32
Criciúma	-	-	-	580	1.142	1.969	-	-	-
Curitibanos	24.680	103.704	4.202	22.390	66.144	2.954	-9	-36	-30
Ituporanga	3.660	7.704	2.105	2.715	3.124	1.151	-26	-59	-45
Joaçaba	9.580	36.576	3.818	12.140	32.738	2.697	27	-10	-29
Rio do Sul	1.990	4.453	2.238	1.465	854	583	-26	-81	-74
São Bento do Sul	1.150	3.610	3.139	800	1.078	1.348	-30	-70	-57
São M. do Oeste	8.615	25.237	2.929	10.842	29.901	2.758	26	18	-6
Tubarão	-	-	-	490	987	2.014	-	-	-
Xanxerê	23.210	76.462	3.294	25.430	74.271	2.921	10	-3	-11
Santa Catarina	139.700	481.790	3.449	137.926	344.700	2.499	-1	-28	-28

Fonte: Epagri/Cepa, nov. /2023.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A adequação de tecnologias à produção de alho nas Regiões do Cerrado brasileiro contribuiu para a elevação da produção e da produtividade da cultura no País. Dessa forma, sua participação já superou os 55% do consumo interno, como mostram os dados da PAM, do IBGE de 2022. Neste ano, o Brasil produziu 165,60 mil toneladas de alho.

Mercado e preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada na cidade de São Paulo, o alho-roxo-nobre nacional, o mês de outubro se iniciou com o alho classe 5 a R\$18,37/kg, aumento de 2,51% em relação ao início do mês de setembro, quando foi comercializado a R\$17,92/kg. O alho classe 6 iniciou o mês a R\$19,87/kg, aumento de 0,61%, e o alho classe 7, a R\$21,89/kg, aumento de 0,50%. Por outro lado, no fechamento do mês, as cotações tiveram reduções em relação ao início, com o alho classe 5 sendo comercializado a R\$17,19/kg, redução de 6,42%. O alho classe 6 foi comercializado a R\$18,98/kg, redução de 4,48%, e o alho classe 7, a R\$20,68/kg, redução de 5,53 %.

O mês de novembro se iniciou com novas reduções nas cotações. Na primeira semana, o classe 5 foi comercializado a R\$16,81/kg, redução de 8,99 % em relação ao início de outubro. O classe 6 foi comercializado a R\$18,49/kg, redução de 6,94%, e o classe 7, a R\$20,16/kg, redução de 2,51% em relação ao início do mês de outubro.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho-nobre nacional permaneceu com cotações praticamente estáveis ao longo do mês de outubro. O alho classe 4 foi comercializado a R\$15,50/kg; o classe 5, a R\$17,00/kg; o alho classe 6, a R\$19,50/kg e o alho classe 7, a R\$20,00/kg.

Produção

A safra catarinense 23/24 se encontra em fase final de desenvolvimento vegetativo. –Aproximadamente 60% está em maturação e 40%, na fase final da bulbificação. Após a ocorrência das fortes chuvas nos últimos 30 dias, a Epagri realizou o levantamento de perdas na cultura e concluiu ter sido fortemente afetada pelos eventos climáticos: 25% das lavouras foram consideradas ruins e 30%, médias. As perdas de produção e qualidade da safra são significativas: de 25% a 30% devem se consolidar em Santa Catarina em relação à estimativa do mês setembro.

Na figura 1, apresentam-se a evolução da produção de alho em Santa Catarina desde a safra 18/19 até a safra 22/23 e a estimativa inicial da safra 23/24. A área plantada, como se pode observar, vem perdendo espaço. Na safra 18/19, o plantio foi de 2.406ha, enquanto, na atual, a área plantada é de 995 ha, redução de 58,64% em relação aos últimos seis anos. A produção inicialmente esperada era de 10.797 toneladas e a produtividade, de 10.821kg/ha. A ocorrência das fortes chuvas provocadas pelo fenômeno El Niño reduziu as expectativas de produção para 8.031 toneladas, com uma produtividade de 8.071kg/ha.

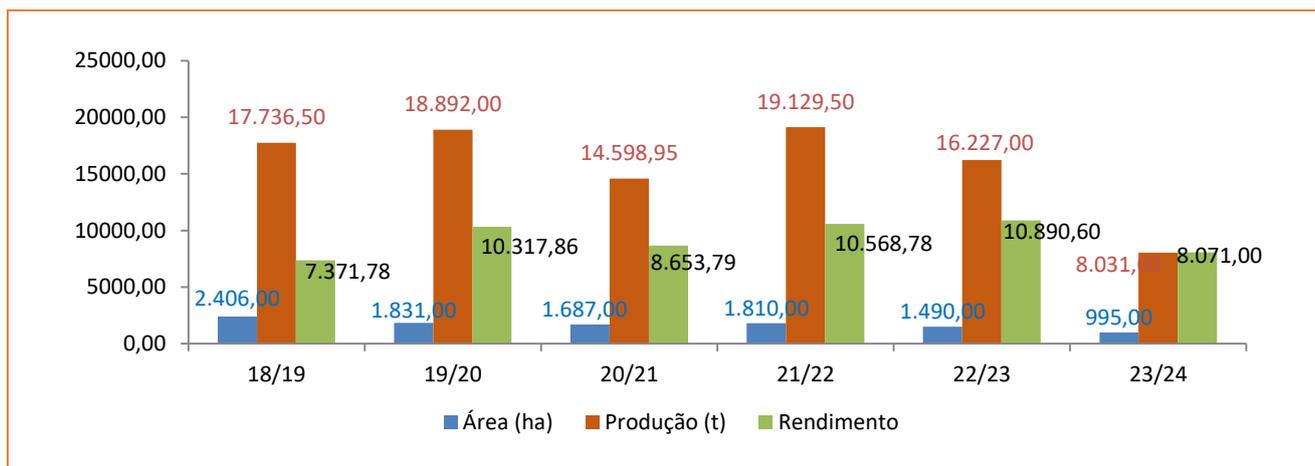


Figura 1. Alho – SC: área plantada, produção e rendimento das safras de 18/19 a 23/24⁽¹⁾

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

Em outubro próximo passado, foram importadas apenas 5,33 mil toneladas de alho – aumento de 41,00% em relação às do mês de setembro. A quantidade importada de janeiro a outubro deste ano soma 93,59 mil toneladas, 2,39% a menos que no mesmo período do ano passado, que foi de 95,83 mil toneladas.

Na tabela 1, pode-se observar o comportamento das importações de alho nos últimos anos. Em 2022, o volume importado foi o menor desde 2019, tendência que poderá se repetir em 2023. A redução das importações decorre do aumento da produção interna, do câmbio favorável à produção nacional e da maior eficiência na produção brasileira, além do alto custo do frete internacional.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2019 - out./2023 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,46
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	13,43	13,74	8,43	6,21	2,09	1,93	5,38	18,38	119,59
2023	14,91	13,09	12,07	11,02	13,15	10,89	6,60	2,75	3,78	5,33	-	-	93,59

Fonte: Comexstat/ME (nov. 2023)

Com relação ao preço do alho importado no mês de outubro, o preço médio (FOB) manteve-se igual ao do mês de setembro, sendo comercializado a US\$ 1,30/kg (Figura 2).

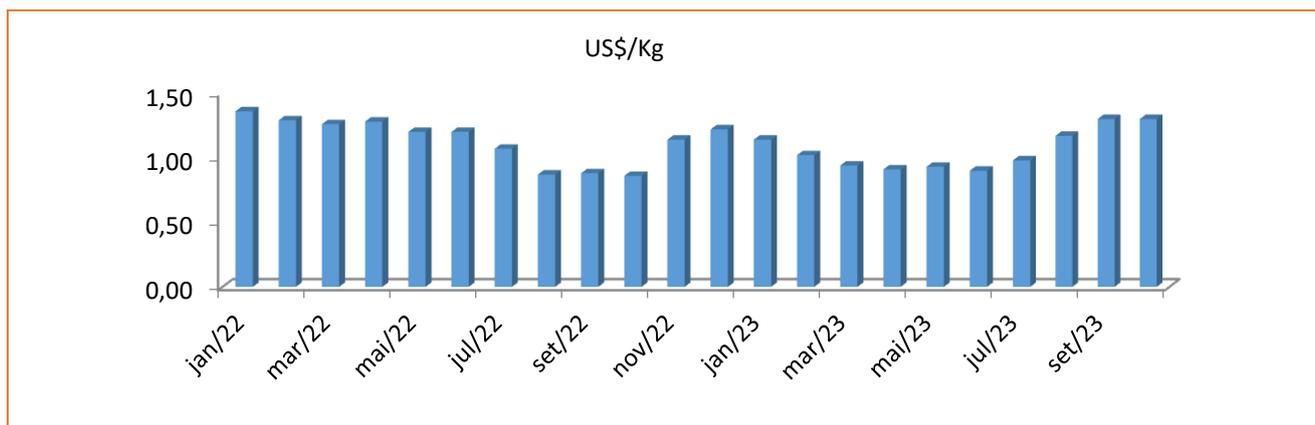


Figura 2. Alho – Brasil: preço médio (FOB) da importação (US\$/Kg) – jan./2022-out./2023

Fonte: ComexStat/ME (nov. 2023)

Na figura 3, apresentam-se a evolução da quantidade internalizada de alho e o desembolso mensal do Brasil - ao longo de 2022 e de janeiro a outubro de 2023. Em outubro, a quantidade importada foi de 5,33 mil toneladas, com desembolso de US\$ 6,91 milhões (FOB).

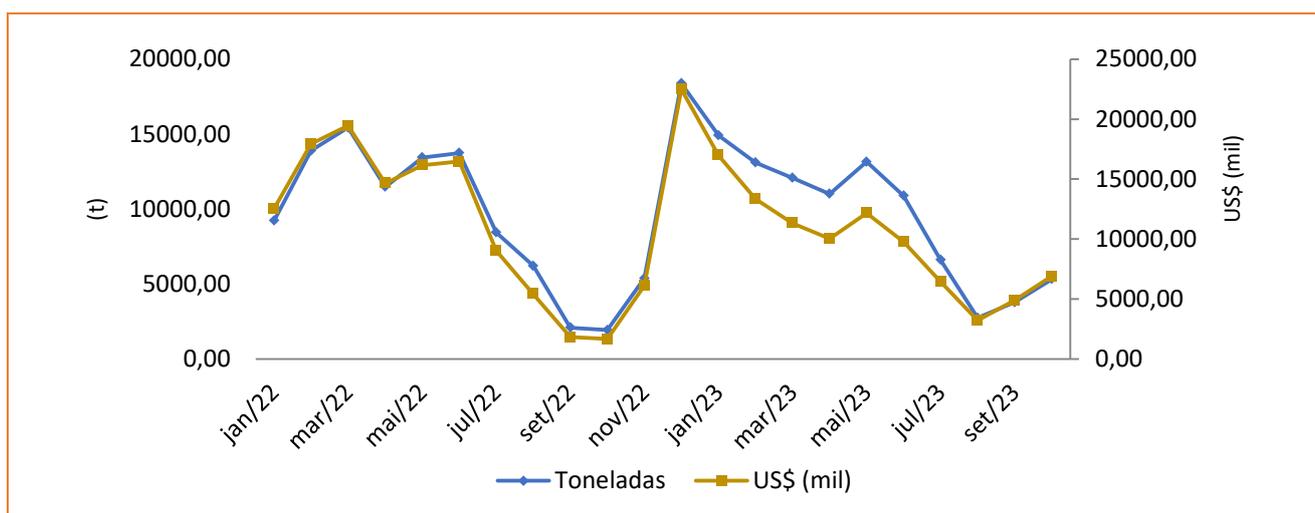


Figura 3. Alho – Brasil: volume (t) e valores (mil US\$) da importação em 2022 e out./2023

Fonte: ComexStat/ME (nov. 2023)

Os fornecedores da hortaliça ao Brasil, no mês de outubro, foram a China - com 4,49 mil toneladas, perfazendo 84,2% da importação no mês; o Egito, com 307,6 toneladas, 5,8%; a Espanha, com 182 toneladas, equivalente a 3,4% da importação; a Argentina, com 148,5 toneladas, o equivalente a 2,80 %; o Peru, com 155 toneladas, equivalente a 2,90 % das importações, e o México, com 49,22 toneladas, equivalente a 0,9% das importações (Figura 4).

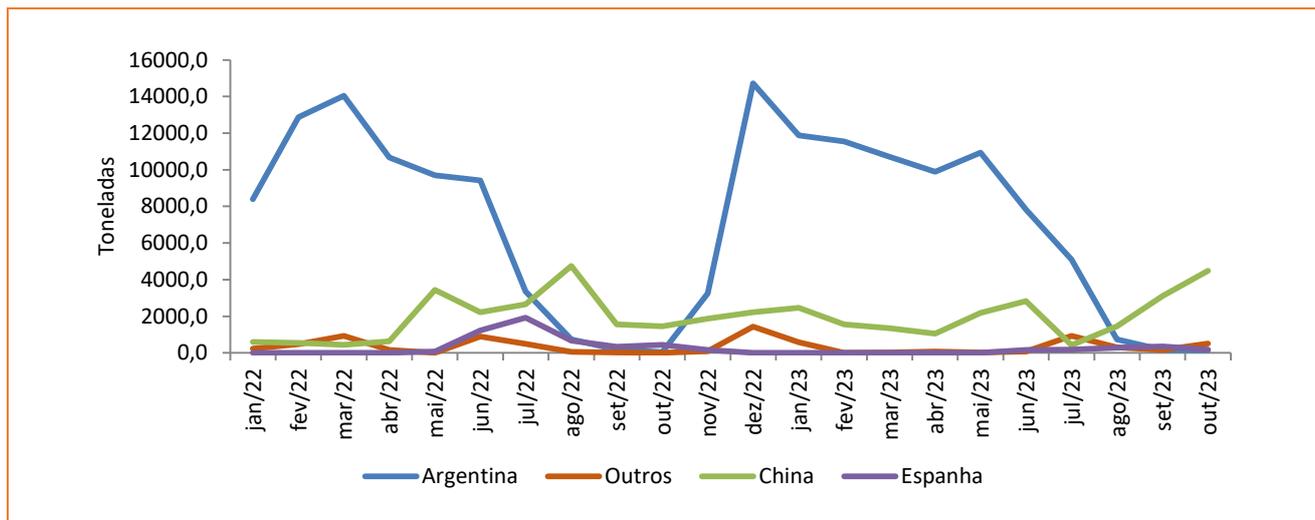


Figura 4. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores - jan./2022 - out./2023 (t)

Fonte: Comexstat/ME (nov. 2023)

As expectativas de produção para a safra 23/24, em Santa Catarina, foram em muito afetadas na quantidade produzida e também em relação à qualidade do produto a ser disponibilizado ao mercado, impactando negativamente a rentabilidade da atividade para os produtores catarinenses.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Os bons resultados econômicos da safra da cebola 22/23 tendem a não se repetir em Santa Catarina na atual safra, em função das perdas provocadas pelo excesso de chuvas até o momento. De acordo com as previsões, o estado ainda deve enfrentar, neste mês, mais períodos de chuvas intensas que poderão provocar mais perdas.

Preços e mercado

Na Ceagesp/SP, o mês de outubro se iniciou com o preço em R\$2,54/kg para a cebola-nacional média – redução de 3,05% em relação ao preço do início de setembro, quando era de R\$2,62/kg. A partir do início da segunda quinzena, as cotações se elevaram, chegando a R\$4,84/kg, aumento de 90% em relação ao início do mês. O mês de novembro se iniciou com novos aumentos, devido à baixa oferta de produto no mercado. No dia 6, as cotações foram de R\$5,37/kg.

Na Ceasa/SC (unidade de São José), o mês de outubro se iniciou com o preço da cebola tipo 3, no atacado, a R\$2,50/kg. A partir do dia 15/10/23, as cotações tiveram aumentos significativos, chegando a R\$4,50/kg, aumento de 80% em relação ao início do mês.

Devido à menor oferta do produto, os preços ao produtor tiveram aumento; porém, com o excesso de chuvas, que afetou a qualidade do produto, o preço pago a produtores do Paraná foi de R\$3,2/kg na roça.

Safra catarinense

Os dados da safra 23/24 em Santa Catarina, atualizados pela Epagri/Cepa após a ocorrência das chuvas, registraram perdas importantes para a cultura. As estimativas atuais de produção devem ter redução de aproximadamente 25% em relação às estimativas do mês anterior.

De qualquer forma, a distribuição da área plantada entre as microrregiões do estado não foi alterada, visto que a safra se aproxima da fase final de desenvolvimento. A Microrregião de Ituporanga permanece como a maior produtora, com 9.033ha, responsável por 47,76% da área plantada. A Microrregião da Serra do Tabuleiro, com plantio de 3.475ha, o equivalente a 18,37% da área. A terceira é a Microrregião de Joaçaba, com área plantada de 1.822ha, ou 9,63%; a Microrregião de Rio do Sul, com 1.703 ha, equivalente a 9% da área plantada no estado. Nas demais microrregiões (Tijucas, Canoinhas, Curitibanos e Campos de Lages), o plantio foi de 2.880ha, equivalente a 15,22% da área plantada.

A produtividade média esperada, após as perdas, passou de 30.039kg/ha, para 22.513kg/ha, redução de 25,05%. A colheita das variedades superprecoces já se iniciou nas regiões de menor altitude do Alto Vale do Itajaí. De acordo com o levantamento do Projeto Safras da Epagri/Cepa, 3,7% da área plantada no estado já foi colhida, especialmente em Tijucas e Serra do Tabuleiro, áreas dessa região.

A figura 1 ilustra a evolução da cultura no estado, considerando a área plantada, a produção e a produtividade das últimas seis safras, demonstrando, de forma geral, estabilidade na área plantada e na produção. A estimativa de produção atualizada após as chuvas, porém, apresenta uma redução de 125.613 toneladas em relação à da safra passada - 22,78% (Figura 1). Comparada à estimativa do mês de setembro, antes da ocorrência das chuvas, a redução é de 142.515,6 toneladas, o equivalente a 25,07% do se esperava até o mês passado.

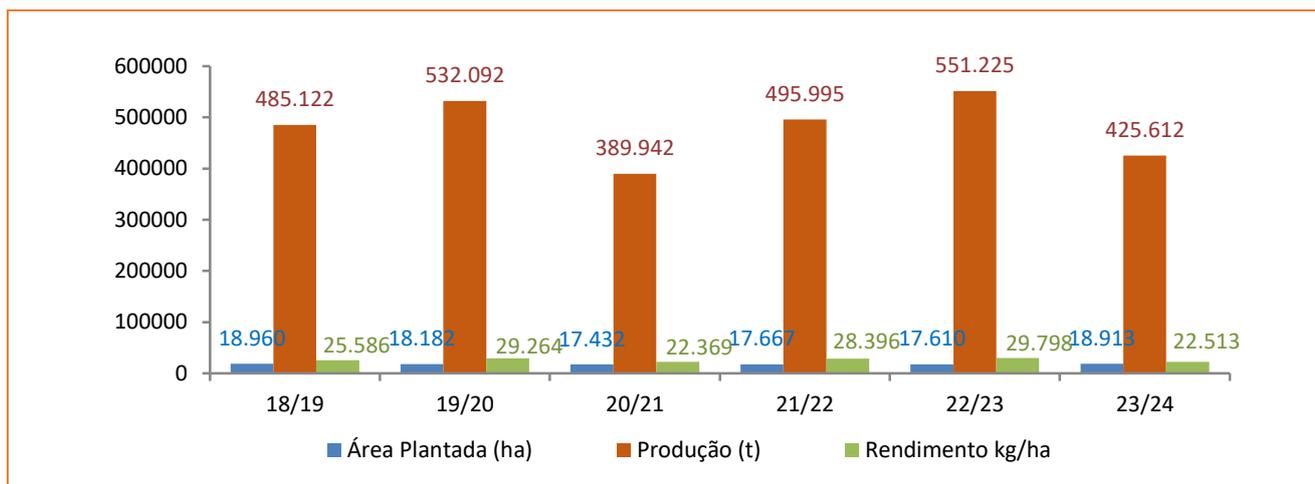


Figura 1. Cebola – SC: área plantada – produção e produtividade – safras 18/19 a 23/24

Fonte: Epagri/CePA (out./2023)

Importação

A importação brasileira de cebola em 2022 foi de 150.524 toneladas, correspondendo a um aumento de 28,70% em relação a 2021, quando foram importadas 116.961 toneladas. Até o mês de outubro de 2023, a importação foi de 114.312,87 toneladas, volume 14,76% menor que o do mesmo período do ano passado, quando foram importadas 134.109 toneladas (Tabela 1).

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2020 a agosto de 2023 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.752
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1.011	116.961
2022	668	3.221	29.178	30.254	53.013	12.238	144	130	1.944	3.319	8.914	7.501	150.524
2023	1.380	2.385	13.243	27.884	37.148	21.744	5.578	1.384	155,82	3410,64	-	-	114.312,87

Fonte: ComexStat/ME (nov./2023)

Na tabela 2, apresentam-se os principais países fornecedores da hortaliça nos anos de 2021, 2022 e de janeiro a outubro de 2023, com os respectivos volumes (t) e valores (em US\$ - FOB).

Em 2021, das 116,9 mil toneladas importadas, 98,65 mil vieram da Argentina, o que representa 84,34% do volume total. Dos Países Baixos, foram 8,76 mil toneladas, ou 7,49% do total; do Chile, 7,15 mil toneladas, o equivalente a 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% da importação. O preço médio FOB foi de US\$ 0,23/kg, com desembolso total, pelo País, de aproximadamente US\$25,77 milhões (FOB).

Em 2022, o volume importado foi de 150.524 toneladas, sendo a Argentina o principal fornecedor, seguida pelo Chile. O preço médio do ano foi de US\$0,27/kg (FOB) - aumento de 17,39% em relação ao preço médio do ano de 2021.

Em 2023, de janeiro a outubro foram importadas 114.312,87 toneladas, com desembolso de US\$23,85 milhões, e preço médio (FOB) de US\$0,209/kg - redução de 22,96 % em relação ao preço médio do ano passado, que foi de US\$0,27/kg.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores de 2021 a setembro de 2023

Países	2021		2022		2023	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650	20.932,5	104.736,0	20.309,33	107.664,07
Chile	2.888,34	7.155	10.234,5	25.065,2	2.257,50	4.789,78
Países Baixos	3.161,48	8.767	5.077,9	11.576,3	619,72	1153,00
Espanha	409,52	2.008	4.536,4	8.776,6	615,00	528,26
Nova Zelândia	58,3	104	0,00	0,0	0,00	0,00
Uruguai	84,93	253	0,00	0,0	0,00	0,00
Peru	10,00	24	109,5	316	31,92	159,60
Estados Unidos	0,00	0,00	20,2	53,9	16,87	18,16
Total	25.774,83	116.961	40.911,0	150.524,0	23.850,34	114.312,87

Fonte: ComexStat/MDICS (out. 2023)

Com relação ao volume importado, o Brasil internalizou, no mês de outubro, 3,41 mil toneladas; quanto ao dispêndio de recursos, o desembolso foi de US\$ 0,72 milhão (Figura 2).

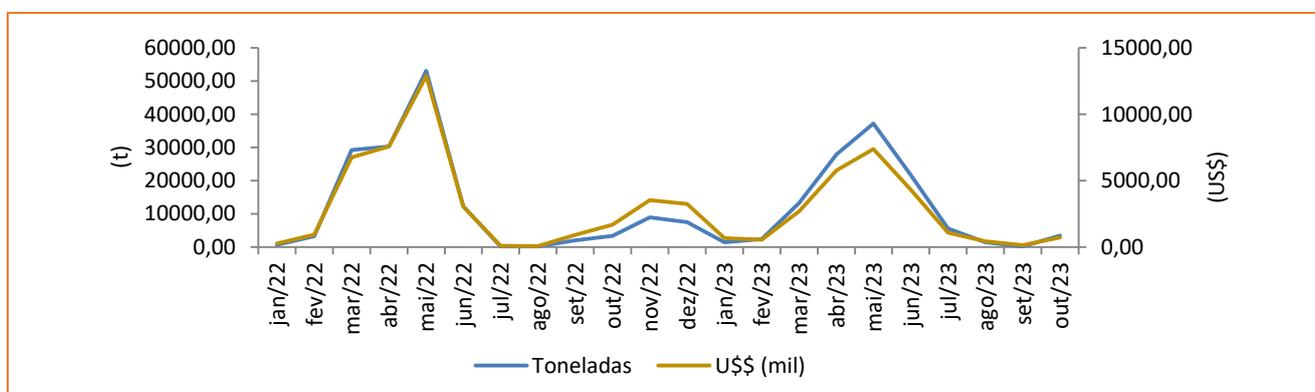


Figura 2. Cebola – Brasil: importação mensal – jan./2022 a out./2023

Fonte: ComexStat/MDCS (nov./2023)

Quanto aos países fornecedores, e respectivos volumes, a Argentina participou com 3,28 mil toneladas, equivalente a 96,39% da importação; a Espanha, com 105 toneladas, ou 3,08%, e os EUA, com 18,16 toneladas, equivalentes a 0,53% do total importado pelo País. (Figura 3).

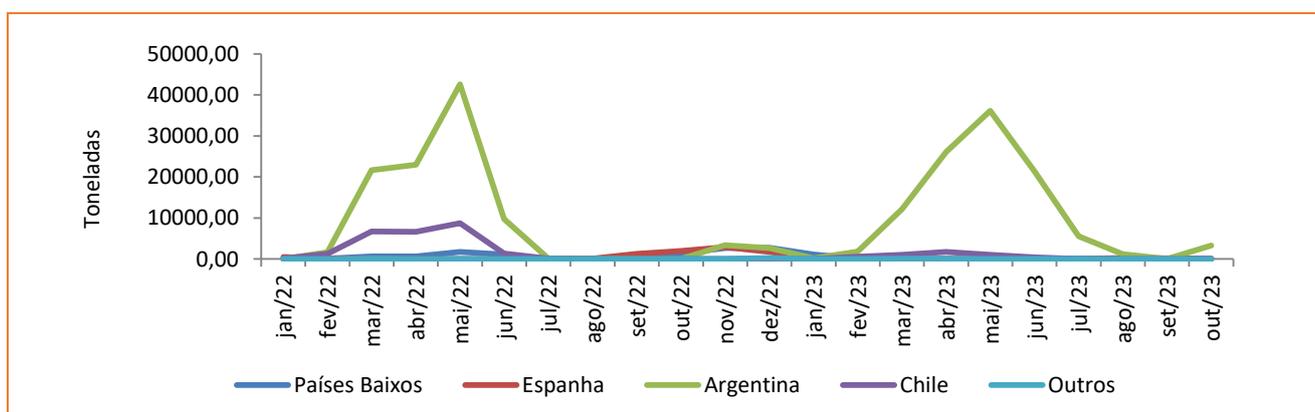


Figura 3. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores (t) – jan./2022 a out./2023

Fonte: ComexStat/MDICS (nov./2023)

De acordo com informações do Acompanhamento Sistemático de Safras da Epagri/Cepa, a safra 23/24 de cebola no estado foi significativamente afetada em termos de quantidade produzida. A depender das condições climáticas das próximas semanas, a qualidade dos bulbos poderá ser prejudicada, com reflexos na aceitação do produto no mercado.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro, os preços do frango vivo, comparados aos do mês anterior, mais uma vez apresentaram movimentos distintos nos dois principais estados produtores: alta de 0,7% no Paraná e queda de 0,7% em Santa Catarina. Quando se comparam os valores atuais com os de novembro passado, por outro lado, registra-se queda de 13,2% no Paraná, mas alta de 1,2% em Santa Catarina. Ressalta-se que os resultados anteriores se referem a valores nominais. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,8%, conforme aponta o IPCA/IBGE.

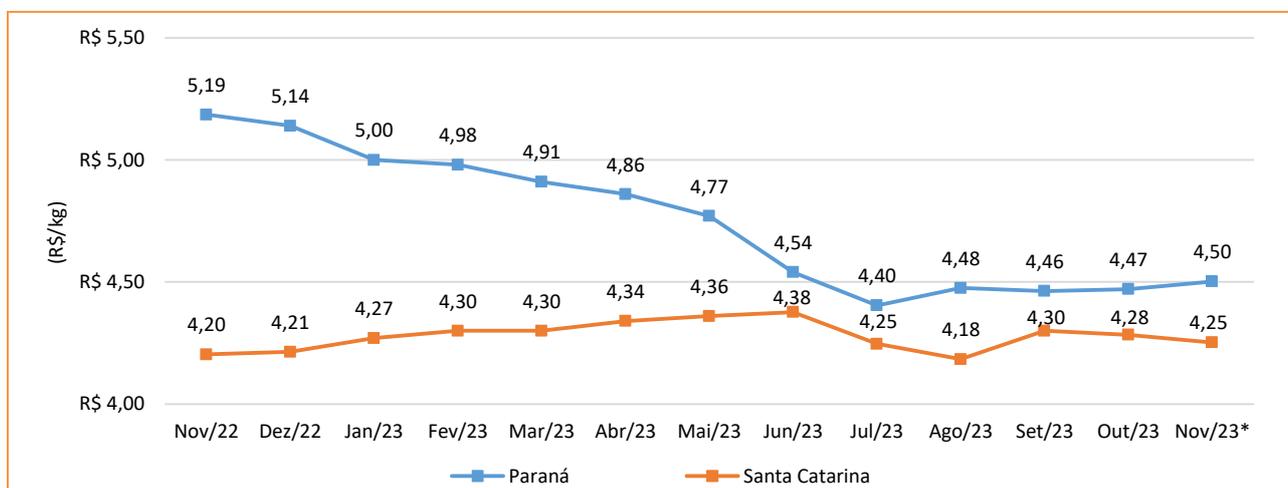


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR); IEA (SP)

Na comparação entre as primeiras semanas de novembro e o mês anterior, as regiões⁹ de Santa Catarina em que a Epagri/Cepa realiza levantamento de preços apresentam as seguintes situações: quedas de 0,9% na região Oeste e de 0,3% na região Litoral Sul, enquanto na região Meio Oeste o preço se manteve inalterado. Em relação aos preços de novembro de 2022, registraram-se quedas nas regiões Oeste (-14,9%) e Litoral Sul (-8,9%), enquanto a Meio Oeste registrou alta significativa (42,4%).

⁹ As antigas *praças de referência* foram substituídas por *regiões de referência*. As praças de Chapecó, Joaçaba e do sul catarinense, por exemplo, passam a ser denominadas região Oeste, região Meio Oeste e região Litoral Sul, respectivamente.

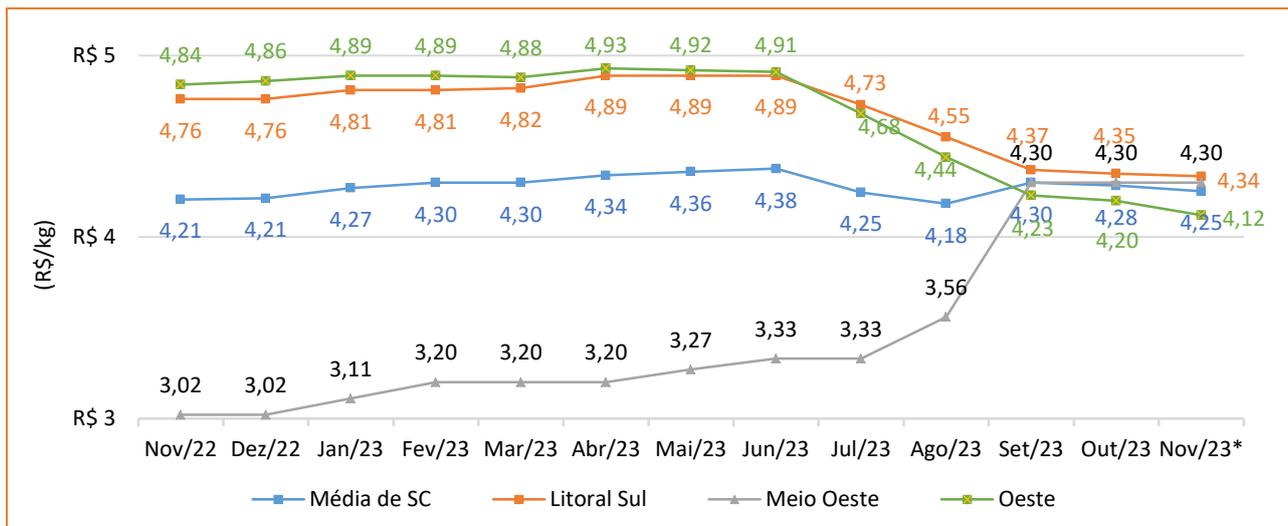


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

Os preços de atacado de todos os cortes apresentaram altas nas primeiras semanas de novembro em relação aos do mês anterior: 1,3% para o filé de peito; 0,4% para o frango inteiro; 0,3% para a coxa/sobrecoxa e 0,3% para o peito com osso. A variação média dos quatro cortes foi de 0,6%. No acumulado do ano, por outro lado, registra-se queda bastante expressiva: 26,8%.

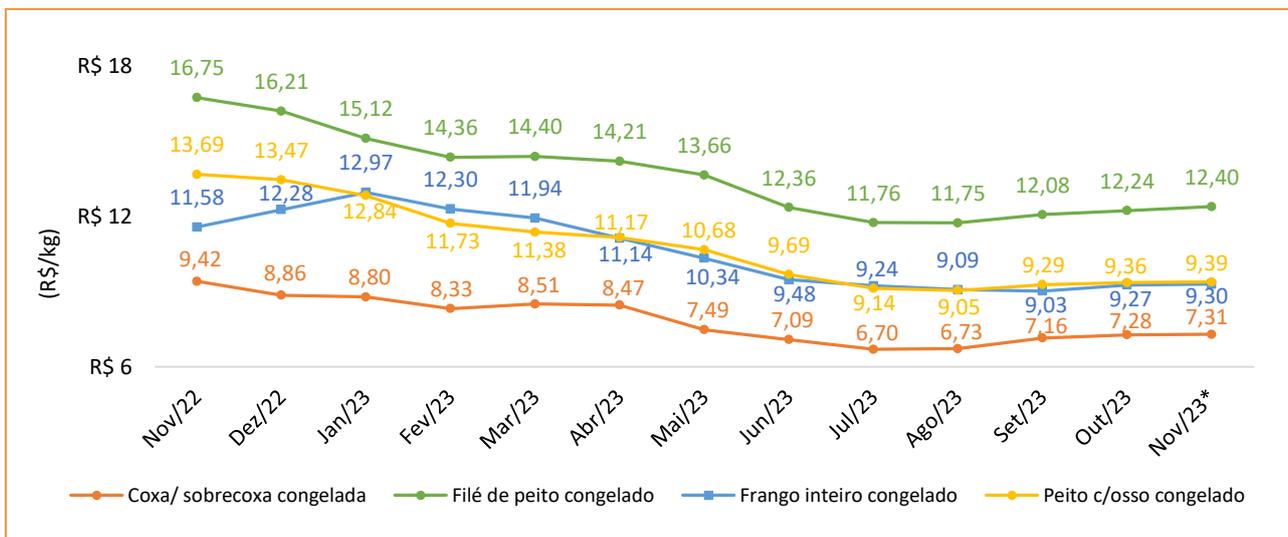


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

Na comparação entre os preços preliminares de novembro e os do mesmo mês de 2022, também são registradas quedas significativas em todos os cortes: -31,4% para o peito com osso; -26,0% para o filé de peito; -22,4% para a coxa/sobrecoxa e -19,7% para o frango inteiro. A variação média dos quatro cortes foi de -24,9%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de frangos em aviário climatizado positivo em Santa Catarina foi de **R\$4,58/kg de peso vivo** em outubro, valor 2,5% superior àquele registrado no mês anterior¹⁰. Essa foi a primeira variação positiva no custo de produção desde março deste ano. No ano, acumula-se queda de 16,3%. Estes resultados são decorrentes, essencialmente, da redução nos preços do milho e da soja, principais componentes das rações animais, que registraram altas no mês passado.

A relação de troca insumo-produto apresentou alta de 6,6% nas duas primeiras semanas de novembro em relação ao índice do mês anterior. A variação resultou da elevação do preço do milho na região Oeste (6,6%), potencializada pela variação negativa no preço do frango vivo na mesma região (-0,3%). O valor atual dessa relação de troca está 18,0% abaixo do que foi registrado em novembro de 2022.

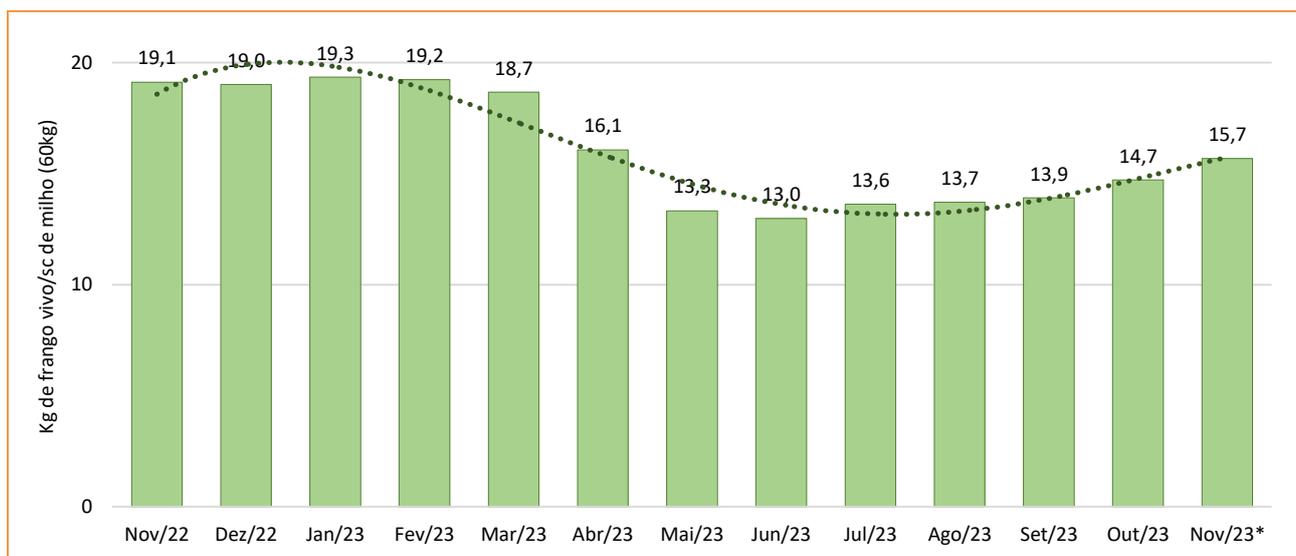


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60 kg) de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na região Oeste.

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **392,4 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) - alta de **1,0%** em relação às exportações do mês anterior e de **3,0%** na comparação com as de outubro de 2022. As receitas foram de **US\$712,3 milhões** - alta de **0,6%** em relação às do mês anterior, mas queda de **11,4%** na comparação com as de outubro de 2022.

¹⁰ Como os parâmetros de cálculo foram atualizados em janeiro deste ano, não há como comparar o custo de setembro deste ano com o do mesmo mês do ano passado.

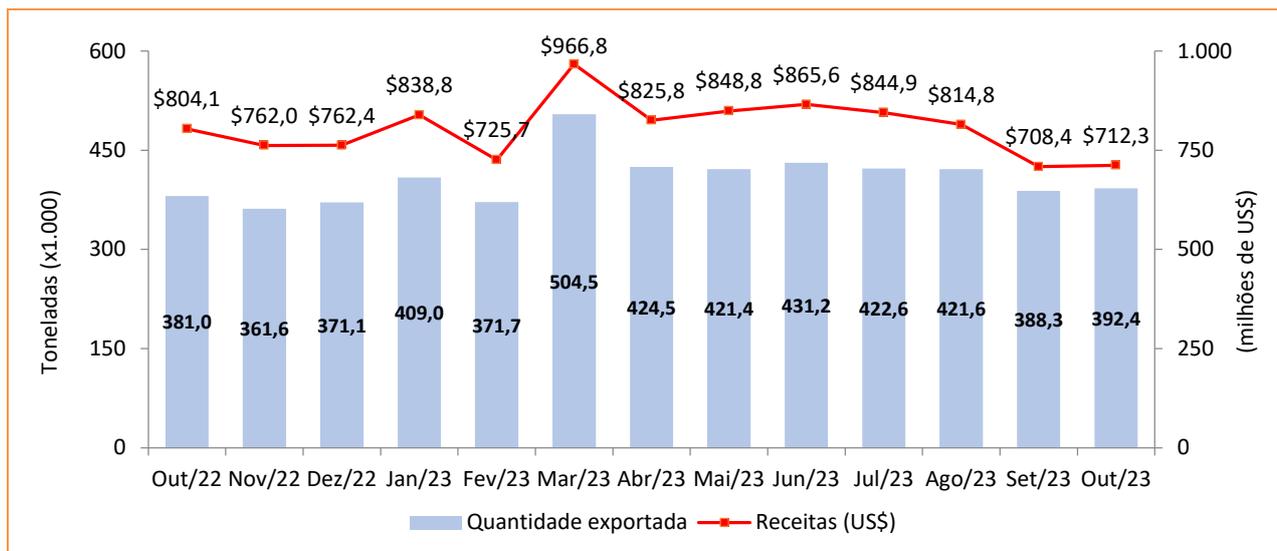


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC/Comex Stat

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **4,19 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$8,15 bilhões** – altas de **6,8%** em quantidade e de **2,0%** em valor, na comparação com o mesmo período de 2022. Os principais destinos foram China, Emirados Árabes Unidos, Japão, México e Arábia Saudita, nesta ordem, responsáveis por 49,3% das receitas deste ano.

Santa Catarina exportou **83,1 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em outubro – queda de **3,2%** em relação às exportações do mês anterior, mas alta de **3,3%** na comparação com as de outubro de 2022. As receitas foram de **US\$160,1 milhões** – queda de **4,5%** em relação às do mês anterior e de **12,0%** na comparação com as de outubro de 2022.

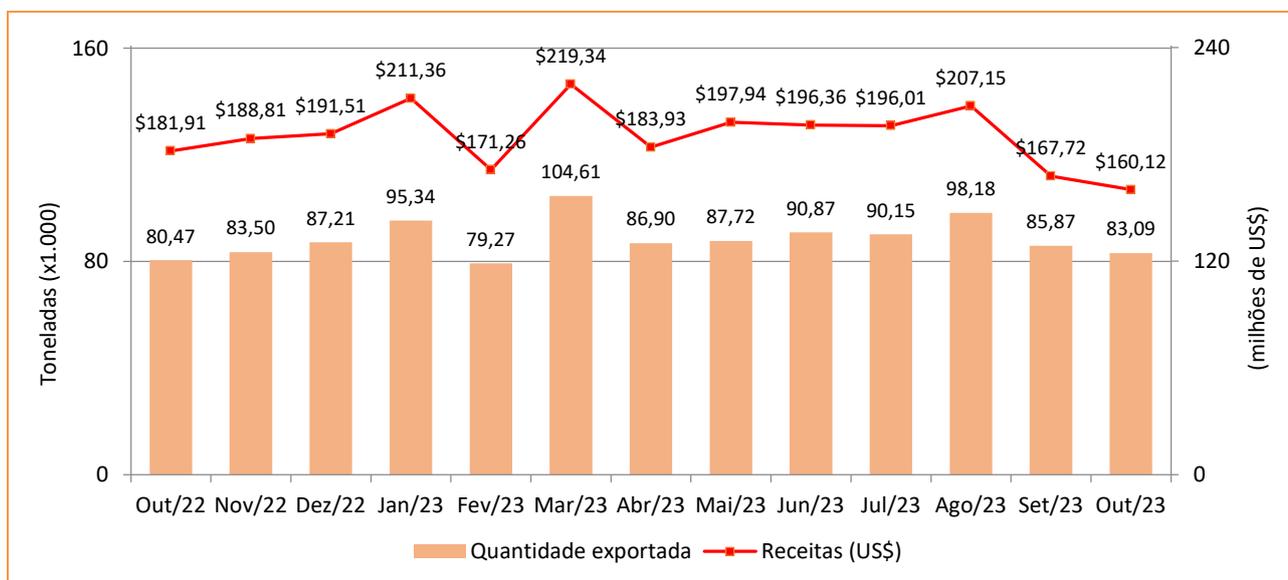


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em setembro foi de **US\$1,836,71/t** – queda de **1,9%** em relação ao do mês anterior e de **16,3%** na comparação com o valor de outubro de 2022.

No acumulado de janeiro a outubro, Santa Catarina exportou **902,0 mil toneladas**, com receitas de **US\$1,91 bilhão** – altas de **6,6%** em quantidade e de **5,2%** em valor, na comparação com as do mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **23,4%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos dez primeiros meses do ano.

A tabela 1 apresenta as quantidades e receitas das exportações para os principais destinos deste ano.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a out./2023

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	240.610.697,00	110.893
Arábia Saudita	222.107.472,00	97.386
Países Baixos (Holanda)	219.414.975,00	69.327
Japão	207.955.594,00	90.335
Emirados Árabes Unidos	151.253.621,00	69.544
Demais países	869.858.362,00	464.507
Total	1.911.200.721,00	901.992

Fonte: MDIC/Comex Stat

Os resultados do período decorrem, principalmente, do crescimento dos embarques para a maioria dos principais destinos, com destaque para a China (alta de 43,2% em quantidade e 33,4% em receitas, na comparação com o mesmo período de 2022) e Arábia Saudita (altas de 17,7% em quantidade e 20,3% em receitas).

O Japão, por sua vez, registrou queda de 22,0% em quantidade e 19,9% em receitas. Com isso, o país, que até junho era o principal destino da carne de frango catarinense, perdeu posições no *ranking* e atualmente ocupa a 4ª colocação. Vale lembrar que os embarques para o Japão foram suspensos em junho, em função da detecção de um foco de influenza aviária numa criação de subsistência no sul de Santa Catarina. Embora as exportações tenham sido retomadas, ainda não recuperaram os níveis anteriores ao bloqueio.

Do volume total de carne de frango exportada por Santa Catarina neste ano, quase 2/3 (65,9%) destinaram-se à Ásia.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, em outubro o estado destinou ao abate um total de **71,4 milhões** de frangos, crescimento de 7,9% em relação aos abates de outubro de 2022. No ano, já foram abatidas 730,2 milhões de aves, alta de **5,4%** em relação à produção do mesmo período de 2022.

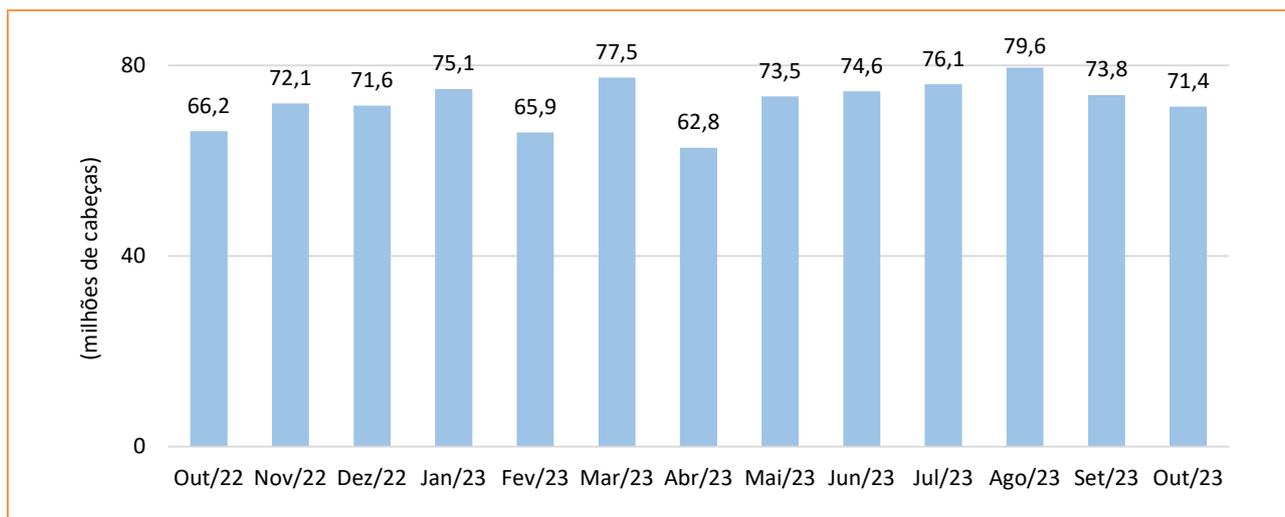


Figura 7. Frangos – Santa Catarina: produção mensal– 2022/2023

Fonte: Comex Stat

Do total de animais abatidos no período, 97,0% o foram em Santa Catarina; o restante, em frigoríficos de outros estados.

Influenza aviária

Até meados de novembro, haviam sido confirmados 146 focos de influenza aviária de alta patogenicidade (IAAP) no Brasil, em oito diferentes estados (Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul). Desse total, 19 casos foram registrados em Santa Catarina (13,0% do total do País). Vale destacar que nenhum caso em aves comerciais foi registrado no Brasil até o momento.

Vale ressaltar que o Ministério da Agricultura e Pecuária, por meio da Portaria nº 624, prorrogou, por mais 180 dias, a vigência do estado de emergência zoonosológica em todo o território nacional em função da detecção da infecção pelo vírus da influenza aviária de alta patogenicidade (IAAP) em aves silvestres e mamíferos aquáticos.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro, os preços do boi gordo apresentaram predomínio de alta em quase todos os estados analisados, movimento já observado no mês anterior, conforme demonstra a figura 1: 7,0% em Goiás; 2,5% no Mato Grosso; 1,4% em São Paulo; 1,2% no Paraná; 1,0% no Rio Grande do Sul e 0,9% em Minas Gerais. Mato Grosso do Sul e Santa Catarina apresentaram quedas no período: -0,5% e -0,3%, respectivamente. Apesar da predominância de altas, percebe-se uma acentuada desaceleração em relação ao mês anterior, quando se chegou a registrar alta de 16,1%.

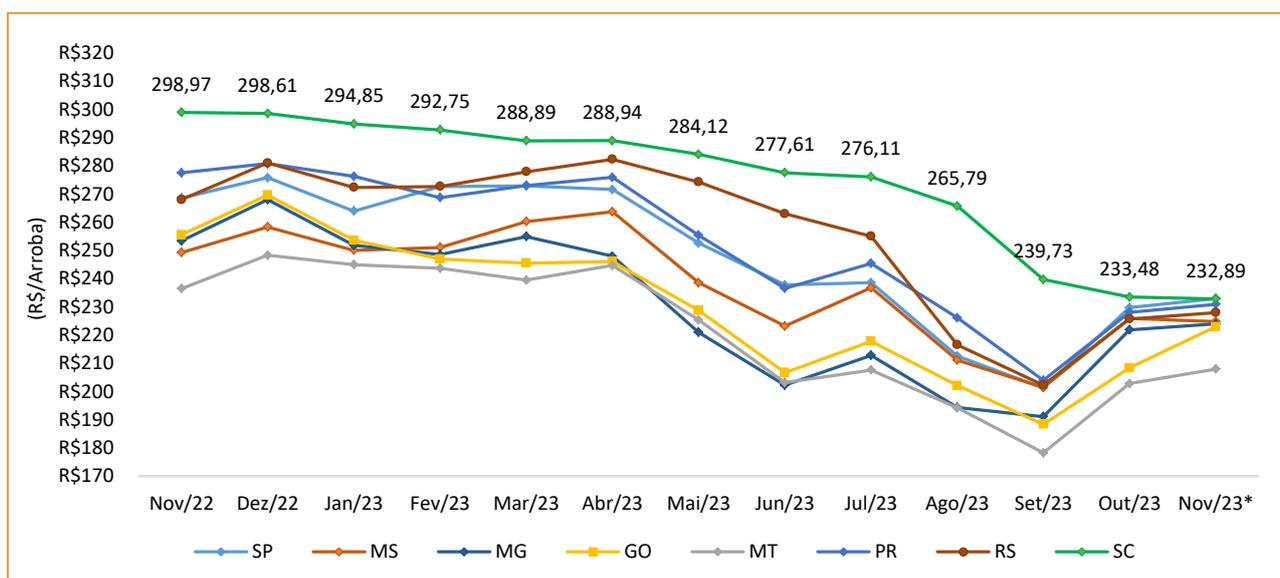


Figura 1. Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

Quando se comparam os preços atuais com os de novembro de 2022, observam-se importantes variações negativas em todos os estados: -22,1% em Santa Catarina; -16,8% no Paraná; -14,9% no Rio Grande do Sul; -13,3% em São Paulo; -12,7% em Goiás; -12,1% no Mato Grosso; -11,6% em Minas Gerais e -9,8% no Mato Grosso do Sul. Vale destacar que essas variações levam em consideração os valores nominais. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,8%.

Os preços do boi gordo, na comparação entre os valores das primeiras semanas de novembro e os do mês anterior, apresentaram movimentos distintos nas duas regiões de referência¹¹ em Santa Catarina: queda de 4,3% na região Oeste e alta de 2,4% na região Planalto Sul. Em relação aos preços de novembro de 2022, por sua vez, são registradas quedas em ambos os casos: -22,1% na região Oeste e -17,5% na região Planalto Sul.

¹¹ As antigas praças de referência foram substituídas por regiões de referência. As praças de Chapecó e Lages, por exemplo, passaram a ser denominadas região Oeste e região Planalto Sul, respectivamente.

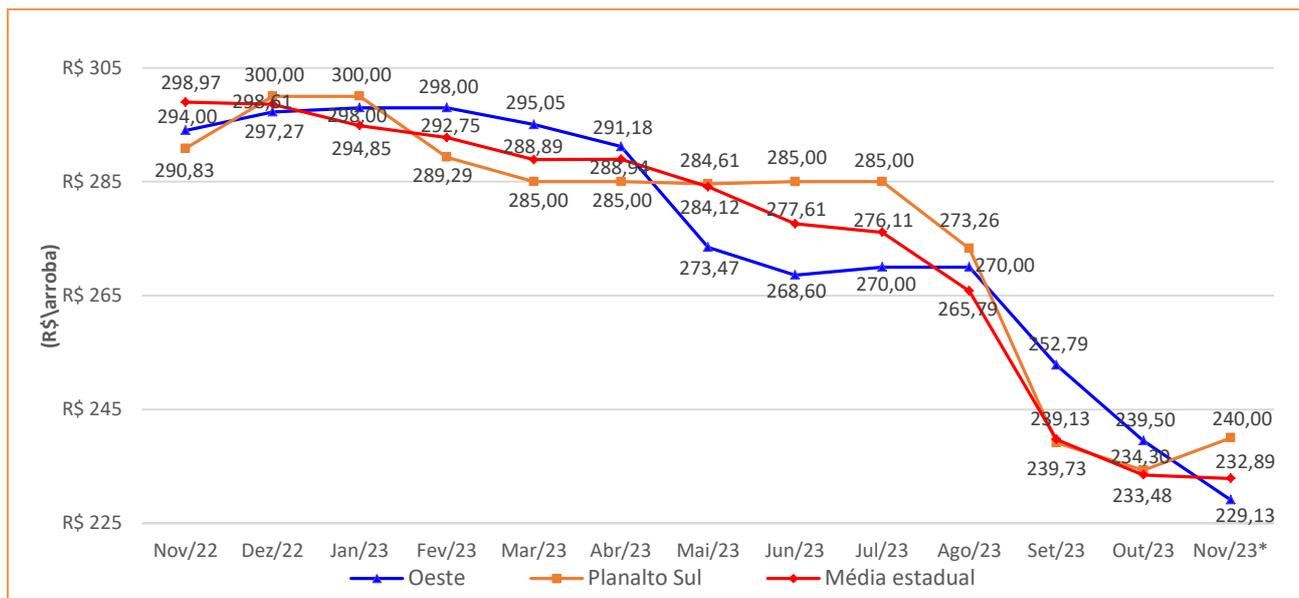


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

Pelo segundo mês consecutivo, os preços de atacado da carne bovina apresentaram altas na comparação entre os valores preliminares de novembro e os do mês anterior: 1,3% na carne de dianteiro e 0,1% na carne de traseiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de 0,7%. No acumulado do ano, por outro lado, registra-se queda de **15,7%**.

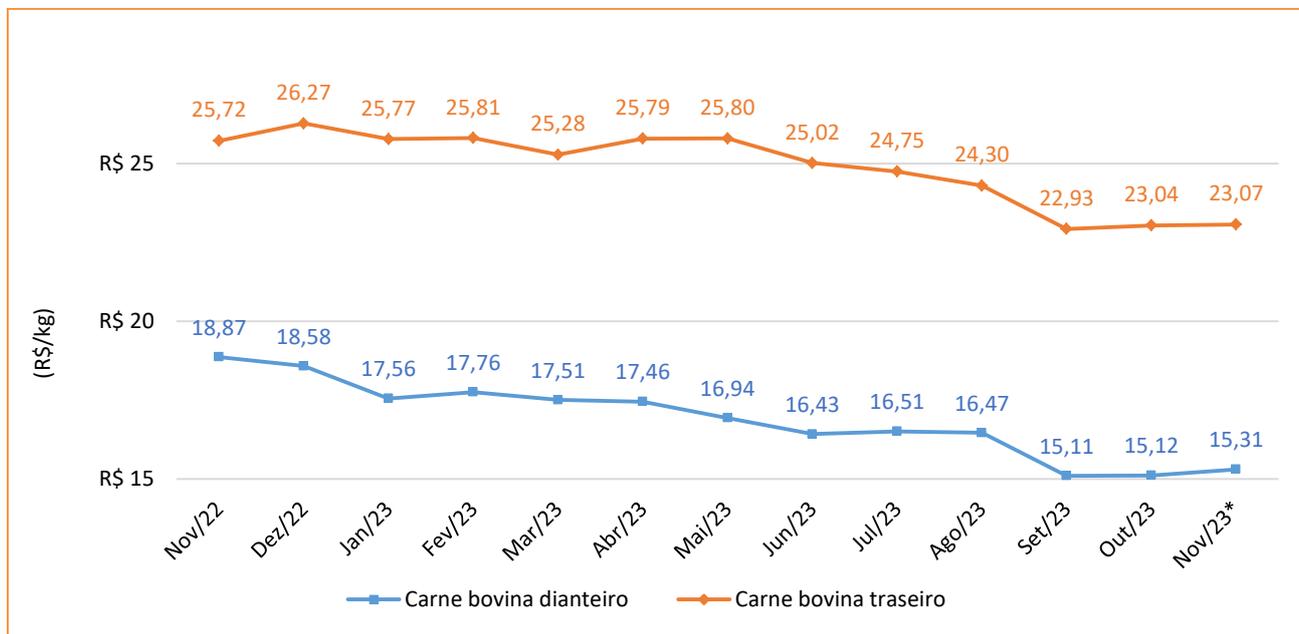


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

Quando se comparam os valores atuais com os de novembro de 2022, observam-se consideráveis variações negativas nos dois casos: -18,9% para o preço da carne de dianteiro e -10,3% para o da carne de traseiro, com média de -14,6%.

Custos

Nas primeiras semanas de novembro, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina voltaram a apresentar altas em relação aos do mês anterior, após seis meses consecutivos de quedas: 5,5% para os bezerros de até 1 ano e 1,0% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com as médias de novembro de 2022, por outro lado, ainda são registradas variações negativas nos dois casos: -11,0% para os bezerros e -15,5% para os novilhos.

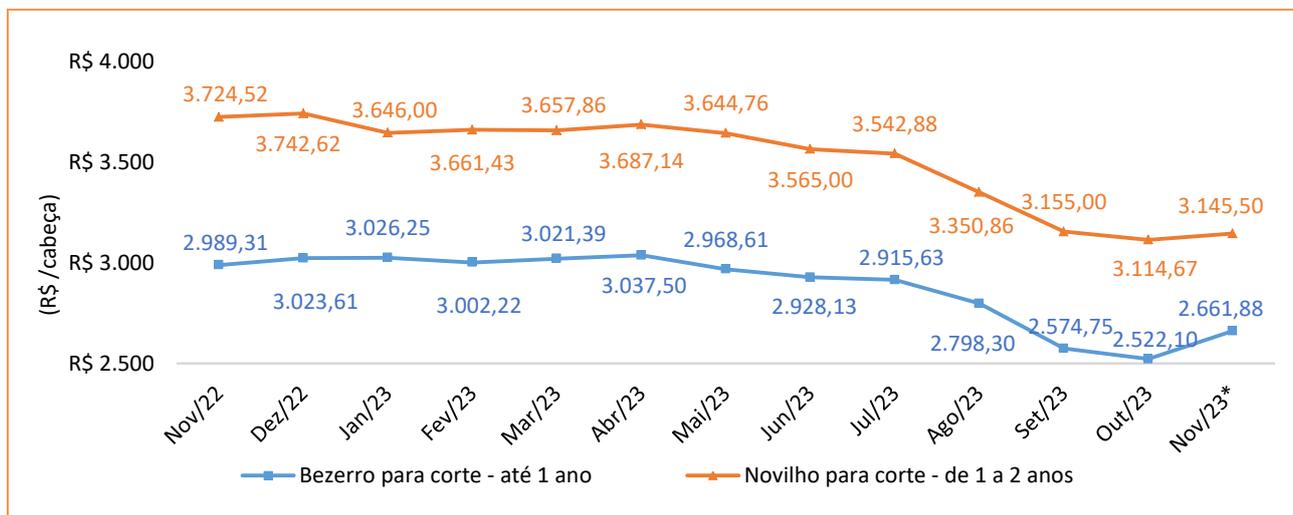


Figura 4 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

O Brasil exportou **210,3 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas) em outubro – queda de **4,0%** em relação às exportações do mês anterior e de **0,7%** quando comparadas às do mesmo mês de 2022. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 941,2 milhões** – redução de **3,0%** em relação às do mês anterior e recuo de **21,0%** na comparação com as de outubro de 2022.



Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em outubro foi de **US\$4.596,49/t** – alta de **1,3%** em relação ao valor da exportada no mês anterior, mas queda de **21,4%** em relação à de outubro de 2022.

De janeiro a outubro deste ano, o Brasil exportou **1,84 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$8,56 bilhões** em receitas – quedas de 3,9% em quantidade e de 24,0% em valor na comparação com o volume exportado, e respectivas receitas, no mesmo período de 2022.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **52,6 toneladas** de carne bovina em outubro, com faturamento de **US\$172,9 mil** – quedas de **51,0%** em quantidade e de **27,9%** em receitas na comparação com os embarques do mesmo mês do ano anterior. No acumulado dos dez primeiros meses do ano, o estado exportou 929,8 toneladas, com receitas de US\$ 3,3 milhões, -47,4% e -53,5%, respectivamente, em relação às exportações do mesmo período do ano passado.

Produção

Segundo os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, em outubro o estado abateu 56,5 mil bovinos, crescimento de 3,0% em relação aos abates do mesmo mês de 2022. No acumulado do ano (janeiro a outubro), foram abatidos **501,2 mil bovinos** – **queda de 3,5%** em relação à produção do mesmo período de 2022.

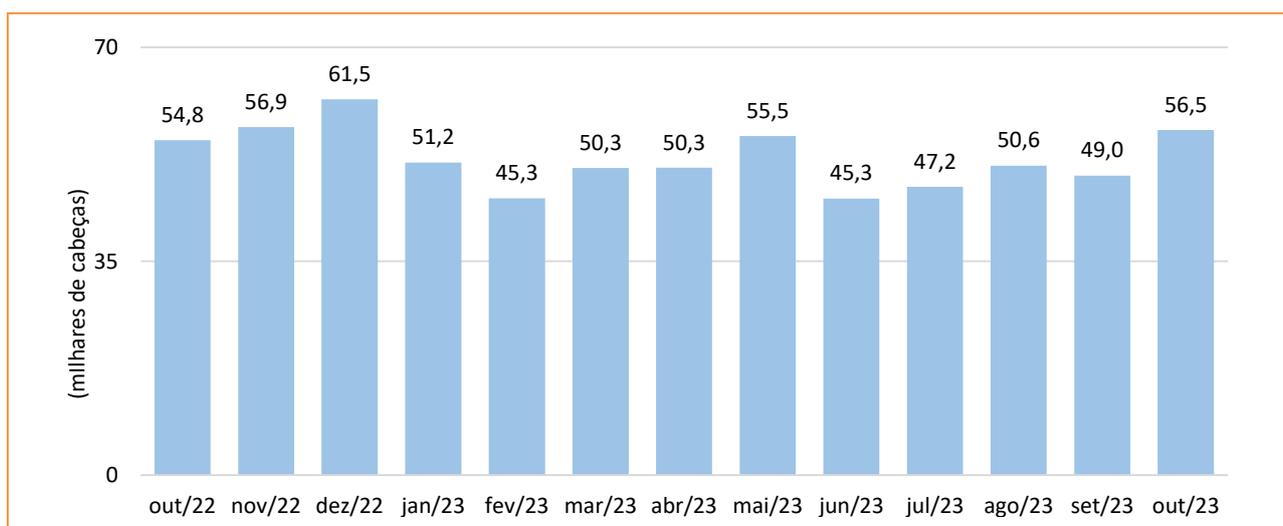


Figura 6. Bovinos – Santa Catarina: produção mensal – abates inspecionados – 2022/2023

Fonte: Comex Stat

Vale destacar que o montante mencionado se refere somente aos animais abatidos em estabelecimentos com algum tipo de inspeção sanitária, não se contabilizando os bovinos destinados a autoconsumo.

Suínocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de novembro, as cotações do suíno vivo apresentaram predominância de queda em relação às do mês anterior na maioria dos principais estados produtores, conforme demonstra a figura 1. A

única variação positiva foi registrada em Santa Catarina, com leve alta de 0,1%.

Na comparação entre os preços atuais e os de novembro de 2022, verificam-se variações negativas em todos os estados analisados: -9,8% em Minas Gerais; -8,9% em São Paulo; -7,0% no Rio Grande do Sul; -5,9% em Santa Catarina e -5,3% no Paraná. É importante ressaltar que essas variações dizem respeito aos valores nominais, sendo necessário levar em consideração a inflação acumulada no período que, segundo o IPCA/IBGE, nos últimos 12 meses foi de 4,8%.

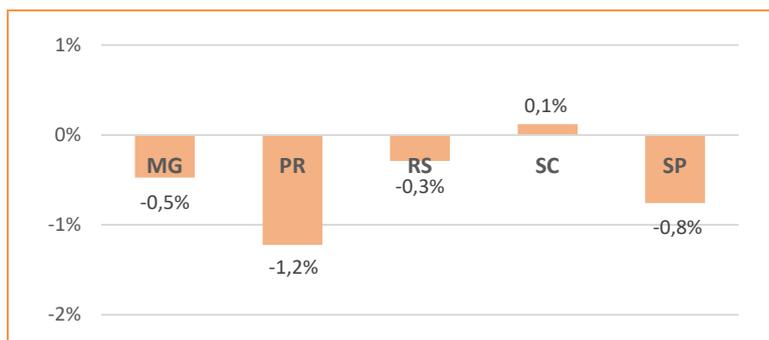


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (out./nov. 2023*)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

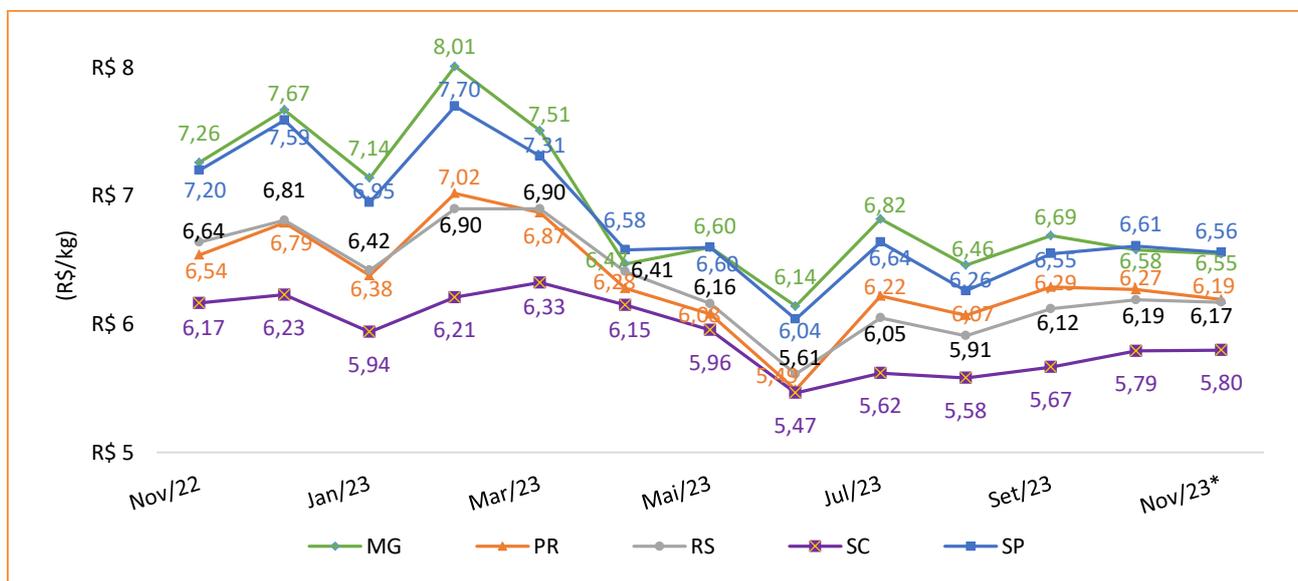


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Na região Oeste¹² de Santa Catarina, praça de referência para essa atividade, os preços do suíno vivo mantiveram-se inalterados nas primeiras semanas de novembro em relação às médias do mês anterior. Na comparação com os preços de novembro de 2022, são registradas variações negativas em ambos os casos: -10,1% para os independentes e -6,0% para os integrados.

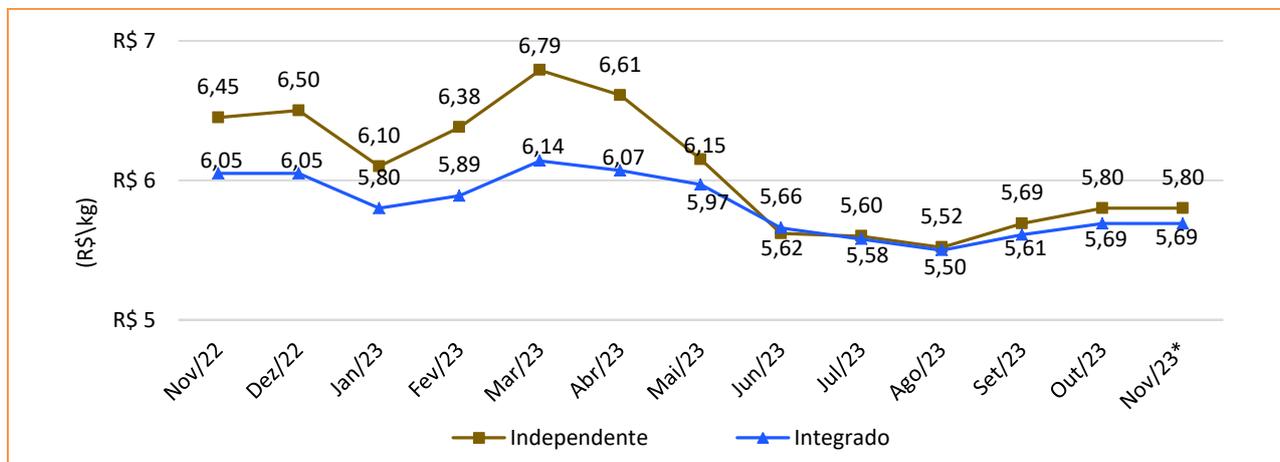


Figura 3. Suíno vivo – Região Oeste/SC: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

Os preços de atacado apresentaram movimentos distintos nas primeiras semanas de novembro, de acordo com o tipo de corte. Altas foram registradas no caso da carcaça (0,6%), do pernil (0,3%) e da costela (0,1%). Por outro lado, quedas foram observadas no caso do carré (-5,8%) e do lombo (-1,5%). A variação média dos cinco cortes foi de -1,3%. No ano, acumula-se queda de 3,3%.

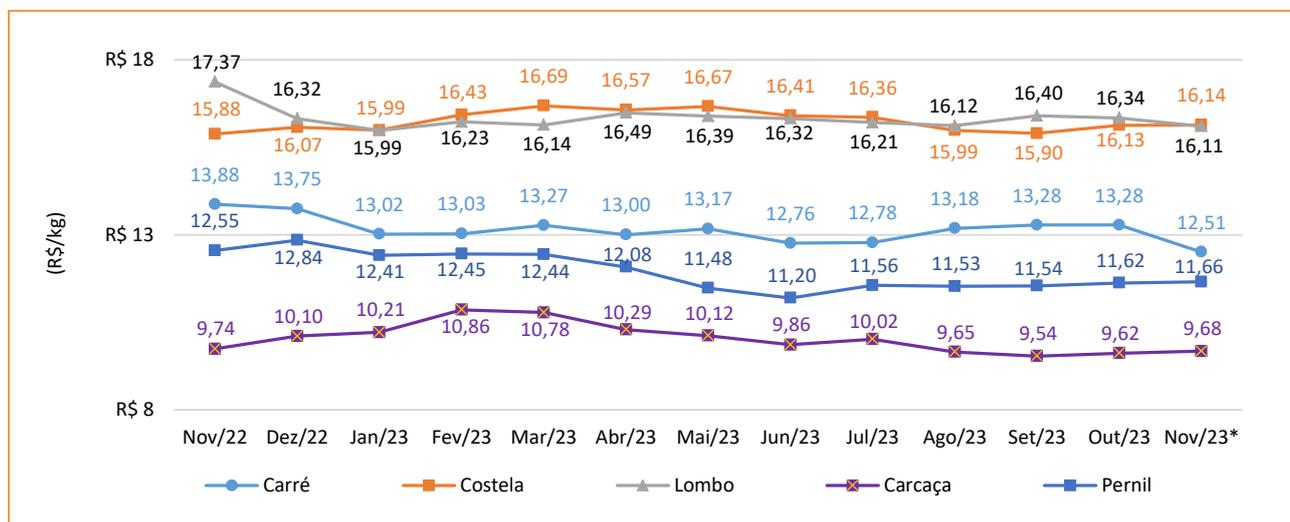


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

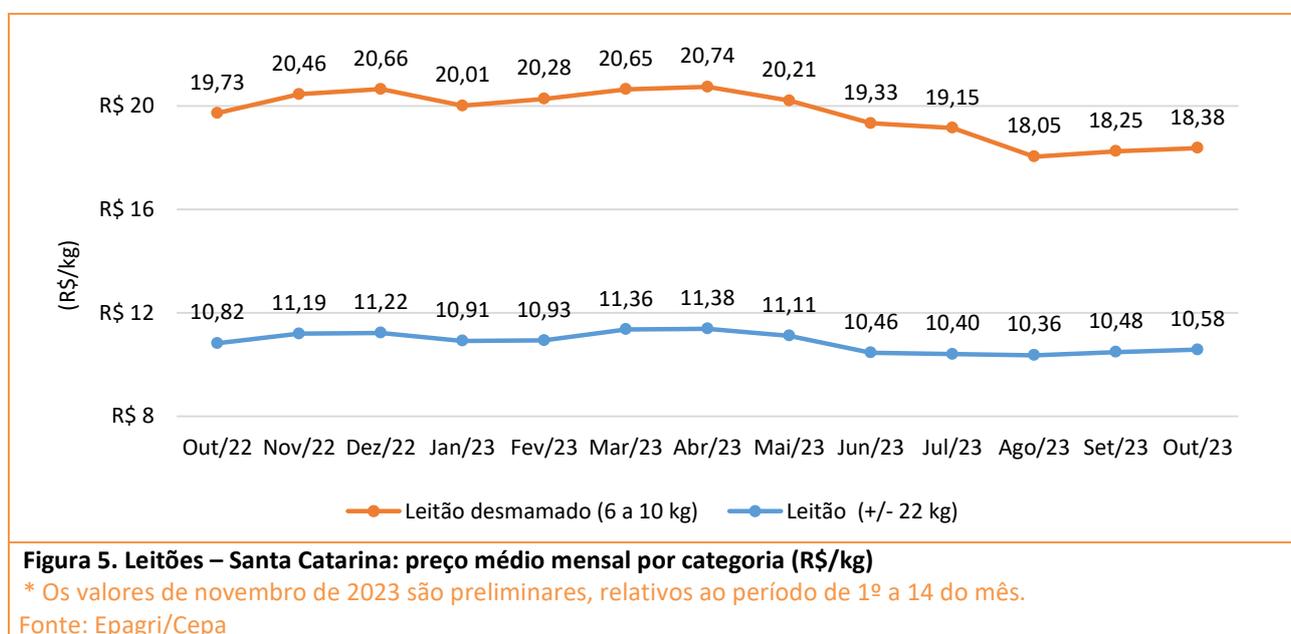
¹² As antigas praças de referência foram substituídas por regiões de referência. A praça de Chapecó, por exemplo, passou a ser denominada região Oeste.

Quando se comparam os valores atuais com os de novembro de 2022, observa-se predominância de variações negativas: carré, -9,8%; lombo, -7,3%; pernil, -7,1% e carcaça, -0,7%. Somente a costela registrou variação positiva (1,6%). Na média de todos os cortes, ocorreu queda de 4,7% no período.

Custos

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi, em outubro, de R\$ 5,88/kg de peso vivo – alta de 2,6% em relação ao custo estimado para o mês anterior¹³. No ano, acumula-se queda de 16,3%. Os resultados de outubro são decorrentes, essencialmente, da elevação nos preços do milho e da soja, principais componentes das rações animais, observada naquele mês.

Nas primeiras semanas de novembro, o preço dos leitões de 6kg a 10kg apresentou alta de 4,1% em relação ao mês anterior, enquanto para os leitões de aproximadamente 22kg não se registrou variação no período. Na comparação com os preços de novembro de 2022, contudo, ambas as categorias registraram variações negativas: -6,5% para os leitões de 6kg a 10kg e -5,5% para os leitões de aproximadamente 22kg.



A relação de troca insumo-produto apresentou alta nas primeiras semanas de novembro. A elevação de 6,3% em relação ao valor do mês anterior se deve somente à alta no preço do milho na região Oeste (6,3%) nesse período, já que o preço do suíno vivo na mesma região se manteve inalterado. O valor atual da relação de troca está 20,3% abaixo do observado em novembro de 2022.

¹³ Como os parâmetros de cálculo foram atualizados em janeiro deste ano, não há como comparar o custo de setembro deste ano com o do mesmo mês do ano passado.

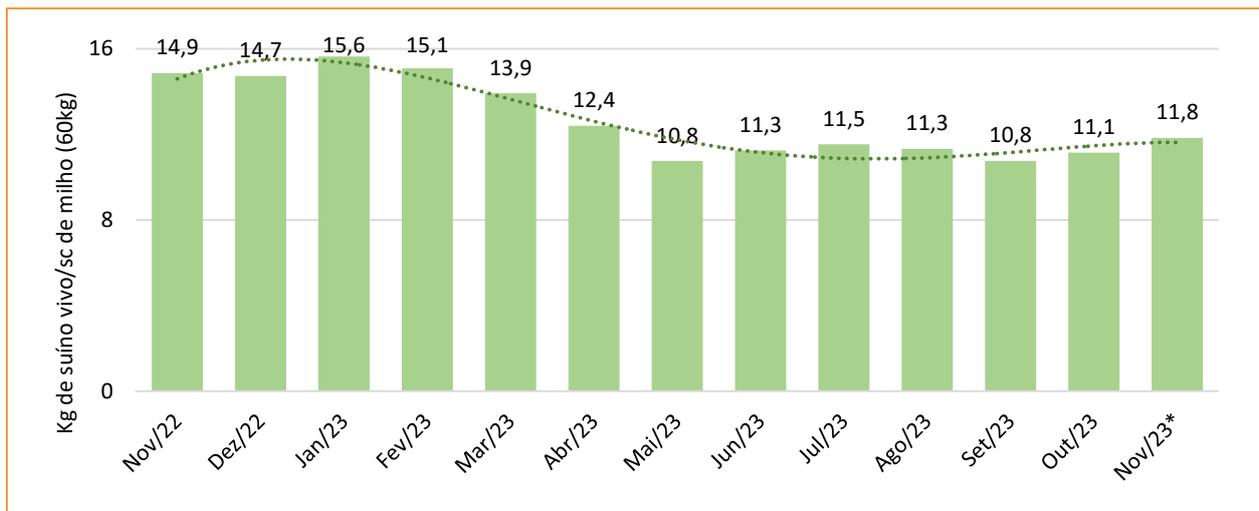


Figura 6. Suíno vivo – Região Oeste/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60 kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço ao produtor independente e ao produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços de Chapecó/SC.

* Os valores de novembro de 2023 são preliminares, relativos ao período de 1º a 14 do mês.

Fonte: Epagri/Cepa

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **91,4 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) – queda de **15,5%** em relação às exportações do mês anterior e de **5,7%** na comparação com as de outubro de 2022. As receitas foram de **US\$198,8 milhões**, queda de **17,3%** em relação às do mês anterior e de **15,4%** na comparação com as de outubro de 2022.

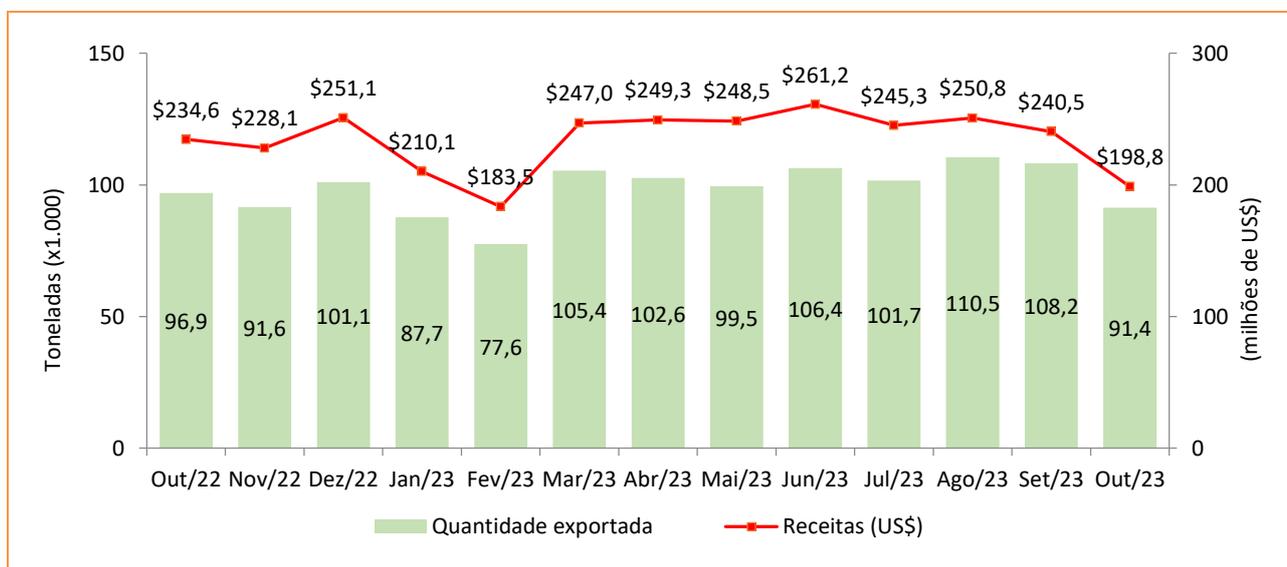


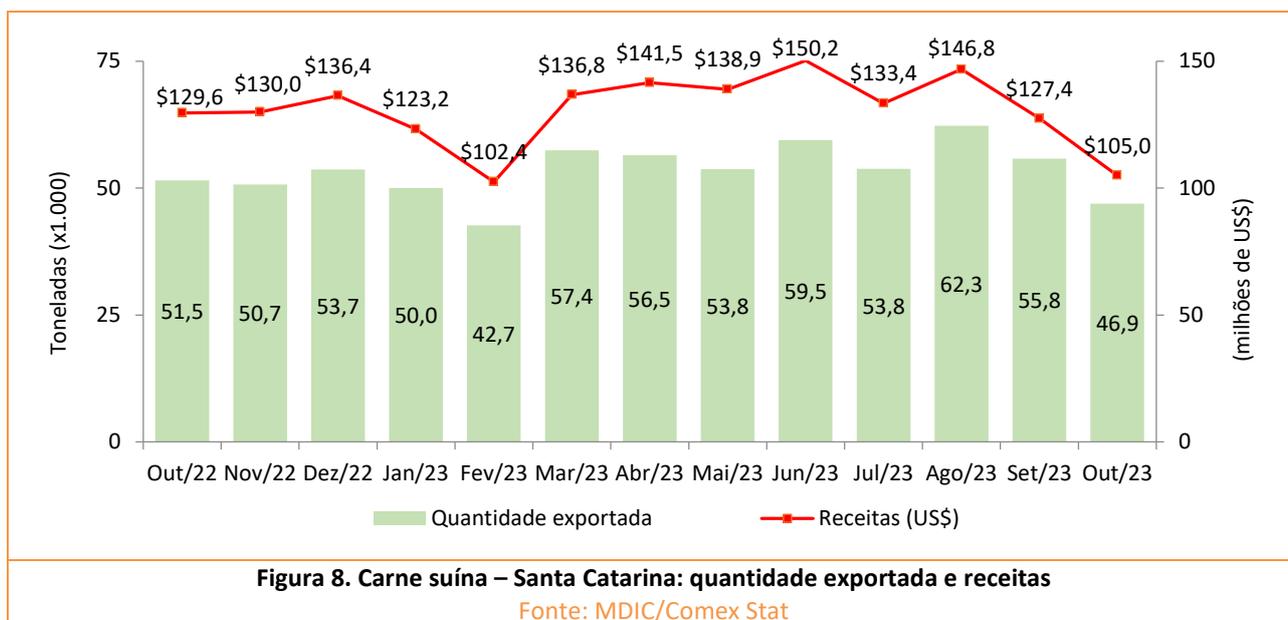
Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: MDIC / Comex Stat

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **990,9 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$2,34 bilhões** – altas de 9,3% e de 13,2%, respectivamente, na comparação com as exportações do mesmo período de 2022.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína nos dez primeiros meses deste ano foram: China (35,3% do total); Filipinas (10,1%); Hong Kong (9,7%); Chile (6,8%) e Singapura (5,9%). Estes cinco destinos foram responsáveis por 67,9% das receitas no período.

Santa Catarina exportou **46,9 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em outubro – queda de **15,9%** em relação às exportações do mês anterior e de **8,9%** na comparação com as de outubro de 2022. As receitas foram de **US\$105,0 milhões**, queda de **17,6%** em relação às do mês anterior e recuo de **19,0%** em relação às de outubro de 2022.



O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em julho foi de **US\$2.319,18/t** – queda de **1,4%** em relação ao do mês anterior e de **8,7%** na comparação com o valor de outubro de 2022.

No acumulado de janeiro a outubro, o estado exportou **538,6 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,31 bilhão** – altas de **8,2%** e **12,2%**, respectivamente, em relação às do mesmo período de 2022. Santa Catarina respondeu por **55,9%** das receitas e por **54,4%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses foram responsáveis por 79,0% das receitas dos dez primeiros meses do ano, com destaque para a China e Hong Kong, que, juntas, responderam por 40,4% dos embarques do período.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a out./2023

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	473.229.704,00	199.257
Filipinas	236.245.820,00	96.608
Chile	157.438.486,00	68.762
Japão	107.338.350,00	31.926
México	57.102.432,00	22.794
Demais países	274.162.409,00	119.300
TOTAL	1.305.517.201,00	538.647

Fonte: MDIC/Comex Stat

Os resultados positivos desse período devem-se ao crescimento dos embarques para quase todos os principais compradores, em especial as Filipinas (altas de 33,4% em quantidade e de 42,9% em receitas), o Chile (47,3% e 51,5%) e o Japão (47,3% e 28,8%). Por outro lado, a China, principal destino da carne suína

catarinense, reduziu significativamente suas aquisições de carne suína (-16,4% em quantidade e -13,6% em receitas, na comparação com o mesmo período do ano passado). Apesar dessa queda, a China ainda responde por mais de 1/3 das exportações catarinenses de carne suína deste ano (36,2%).

Chama a atenção, ainda, o caso do México, que abriu seu mercado para a carne suína catarinense em novembro de 2022 e já ocupa a 5ª posição no *ranking* dos principais destinos (tabela 1).

Produção

Conforme demonstram os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados pela Epagri/Cepa e divulgados no Observatório Agro Catarinense, em outubro foi produzido e destinado ao abate um total de 1,42 milhão de suínos, crescimento de 2,3% em relação aos abates do mesmo mês de 2022. De janeiro a outubro deste ano, por sua vez, foram produzidos no estado cerca de **15 milhões** de suínos – alta de **3,2%** em relação ao mesmo período de 2022.

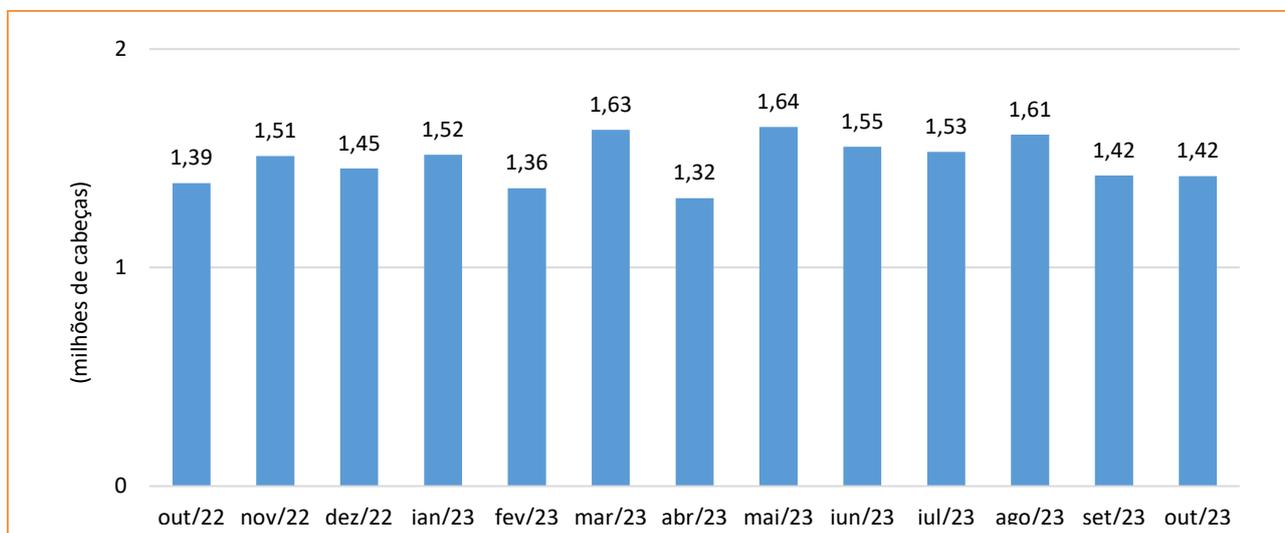


Figura 9. Suínos – Santa Catarina: produção mensal – 2022/2023

Fonte: Comex Stat

Dos animais produzidos no período, 91,0% foram abatidos em Santa Catarina, sendo o restante destinado a frigoríficos localizados em outros estados.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 9 de novembro, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três meses do terceiro trimestre de 2023. Ao longo de todo o período, foram adquiridos 6,198 bilhões de litros, o que representa um aumento de apenas 0,8% em relação aos 6,149 bilhões de litros adquiridos no terceiro trimestre de 2022. Apesar dessa desaceleração de crescimento nos meses do terceiro trimestre, a quantidade adquirida até setembro de 2023 foi 1,5% maior do que no mesmo período de 2022 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas no Brasil

Mês	Bilhão de litros					Variação %
	2019	2020	2021	2022	2023	2022-23
Janeiro	2,207	2,272	2,348	2,101	2,120	0,9
Fevereiro	1,933	2,066	2,051	1,888	1,853	-1,9
Março	2,055	2,109	2,177	1,966	1,976	0,5
Abril	1,911	1,969	1,946	1,829	1,867	2,1
Mai	1,975	1,957	1,960	1,861	1,941	4,3
Junho	1,974	1,949	1,933	1,809	1,909	5,5
Julho	2,075	2,143	2,040	2,010	2,039	1,4
Agosto	2,128	2,199	2,088	2,089	2,097	0,4
Setembro	2,081	2,174	2,079	2,050	2,062	0,6
Até setembro	18,339	18,838	18,622	17,603	17,864	1,5
Outubro	2,203	2,236	2,140	2,115		
Novembro	2,186	2,224	2,156	2,067		
Dezembro	2,283	2,343	2,204	2,134		
Total anual	25,011	25,641	25,122	23,919		

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Como evidenciado pela tabela 1, considerados os cinco últimos anos (2019-2023), os 17,864 bilhões de litros adquiridos de janeiro a setembro de 2023 superam apenas o que foi adquirido no mesmo período de 2022. A queda em relação aos 18,838 bilhões de litros adquiridos de janeiro a setembro de 2020, ano da maior quantidade adquirida na série histórica do IBGE, é de 5,2%.

Balança comercial e participação das importações na oferta de leite no Brasil

Em outubro/23, as importações brasileiras de lácteos voltaram a aumentar. Os 22,7 milhões de quilos importados superam tanto os 19,6 milhões de quilos importados em setembro/23, quanto os 21,6 milhões de quilos importados em outubro/22. No acumulado de janeiro a outubro, a quantidade importada alcançou 228,3 milhões de quilos, o que representa um crescimento de 72,4% sobre os 132,4 milhões de quilos importados no mesmo período de 2022 (Tabela 2).

Tabela 2. Lácteos: importações brasileiras

Mês	Milhão de quilos			Variação %	
	2021	2022	2023	2021-22	2022-23
Janeiro	18,0	8,7	19,8	-51,7	127,6
Fevereiro	15,2	7,1	19,5	-53,3	174,6
Março	14,5	8,1	26,3	-44,1	224,7
Abril	7,3	5,7	18,0	-21,9	215,8
Maiο	8,4	8,4	26,9	0,0	220,2
Junho	8,9	11,0	27,4	23,6	149,1
Julho	9,7	13,3	23,4	37,1	75,9
Agosto	10,1	22,7	24,7	124,8	8,8
Setembro	10,6	25,8	19,6	143,4	-24,0
Outubro	12,2	21,6	22,7	77,0	5,1
Até outubro	114,9	132,4	228,3	15,2	72,4
Novembro	11,4	18,9	-	65,8	-
Dezembro	11,3	18,9	-	67,3	-
Total anual	137,6	170,2	-	23,7	-

Fonte: MDIC/Comex Stat

Esses 228,3 milhões de quilos de lácteos, convertidos em equivalentes litros de leite, significam uma oferta de 1,765 bilhão de litros, o que representa um crescimento de 76,9% sobre os 998 milhões de litros de leite importados no mesmo período de 2022. No acumulado de janeiro a outubro, calcula-se que esse 1,765 bilhão de litros tenha representado 8,1% da oferta total de leite inspecionado no Brasil (Tabela 2).

Tabela 3. Brasil – Oferta total de leite inspecionado

Ano	Bilhão de litros			Participação %		
	Ind. Nacional ⁽¹⁾	Importação ⁽²⁾	Total	Ind. Nacional	Importação	Total
2019	25,012	1,083	26,095	95,8	4,2	100
2020	25,641	1,346	26,987	95,0	5,0	100
2021	25,122	1,024	26,146	96,1	3,9	100
2022	23,918	1,293	25,211	94,9	5,1	100
Até 10/23	19,979 (3)	1,765	21,744	91,9	8,1	100

⁽¹⁾ Leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas.

⁽²⁾ Em litros de leite-equivalente. (3) Estimativa da Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE (Pesquisa Trimestral do Leite) e Ministério da Economia (Comex Stat)

Preços

No dia 27 de outubro, o Conseleite/SC fez sua décima reunião do ano, quando aprovou e divulgou os valores de referência para setembro e projetou os valores para outubro. Os preços de referência para o leite-padrão ficaram, respectivamente, em R\$ 2,0565/l e R\$ 1,9767/l. Esta nova queda mostra que a estabilidade e/ou a pequena recuperação no preço de alguns lácteos no mercado atacadista em outubro foi apenas um movimento isolado. Esse comportamento no atacado voltou a repercutir negativamente nos preços recebidos pelos produtores. Segundo os levantamentos da Epagri/Cepa, o preço médio recebido pelos produtores catarinenses em novembro voltou a decrescer em relação ao do mês anterior, o que, aliás, vem ocorrendo desde junho (Tabela 4).

Tabela 4. Leite: preço médio (1) aos produtores de Santa Catarina

Mês	R\$/l na propriedade			Variação (%)	
	2021	2022	2023	2021-22	2022-23
Janeiro	1,94	1,90	2,39	-2,1	25,8
Fevereiro	1,78	1,92	2,64	7,9	37,5
Março	1,71	2,02	2,66	18,1	31,7
Abril	1,76	2,26	2,72	28,4	20,4
Maiο	1,84	2,45	2,82	33,2	15,1
Junho	1,99	2,57	2,67	29,1	3,9
Julho	2,15	3,04	2,50	41,4	-17,8
Agosto	2,17	3,51	2,24	61,8	-36,2
Setembro	2,17	2,95	2,18	35,9	-26,1
Outubro	2,12	2,46	1,99	16,0	-19,1
Novembro	1,95	2,35	1,89	20,5	-19,6
Até novembro	1,96	2,49	2,43	27,0	-2,4
Dezembro	1,84	2,32		26,1	-
Média anual	1,95	2,48		27,2	-

⁽¹⁾ Média do preço mais comum nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa